

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

# **Prêmio Anísio Teixeira 2019**

**Absenteísmo discente,  
abandono e evasão escolar:  
uma abordagem proativa**

**COLETÂNEA DE MONOGRAFIAS**

Centro de Referência da Educação Pública  
da Cidade do Rio de Janeiro - Anísio Teixeira

**PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
**Marcelo Crivella**

**SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO**  
**Professora Talma Romero Suane**

**SUBSECRETÁRIA DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO**  
**Professora Rejane Pereira Faria da Costa**

**DIRETOR GERAL DA ESCOLA DE FORMAÇÃO PAULO FREIRE**  
**Professor Marcio da Costa**

**GERENTE DO CENTRO DE REFERÊNCIA  
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA DA CIDADE  
DO RIO DE JANEIRO - ANÍSIO TEIXEIRA**  
**Professora Malvina Fernandes da Silva Mendes**

**Coletânea de Monografias**

**Prêmio Anísio Teixeira  
2019**

**Absenteísmo discente, abandono  
e evasão escolar:  
uma abordagem proativa**



**Centro de Referência da Educação  
Pública da Cidade do Rio de Janeiro -  
Anísio Teixeira**

**Rio de Janeiro  
2020**

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, desde que citada a fonte.

A revisão dos textos dos trabalhos monográficos selecionados é de responsabilidade de seus autores.

## **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

**Malvina Fernandes da Silva Mendes**

## **EQUIPE**

**Cidalia Gomes da Cruz de Oliveira**

**Claudio Marcio Ribeiro Maia**

**Elaine dos Santos Amaral**

**Nancy Pimentel Queyroi D'Anna**

## **DIAGRAMAÇÃO**

**Claudio Marcio Ribeiro Maia**

## **REVISÃO**

**Regina Celia Ferreira Marques**

---

Coletânea de monografias Prêmio Anísio Teixeira 2019 : Absenteísmo discente, abandono e evasão escolar: uma abordagem proativa. – Rio de Janeiro: Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro - Anísio Teixeira, 2020.

ISBN 978-65-88421-01-7

1. Escola Pública 2. Formação de Professores

CDD 371.01

---

# Sumário

APRESENTAÇÃO.....	4
-------------------	---

## TEXTO LITERÁRIO

<b>Cadê o menino que estava aqui? Uma história sobre empatia e o verdadeiro papel da escola. (Monografia Premiada) .....</b>	<b>5</b>
--	----------

*Michelle Sabbatini Malta da Silva*

## TEXTO LITERÁRIO

<b>Entre... (Monografia Premiada).....</b>	<b>29</b>
--	-----------

*Wagner Batista Pinheiro*

# Apresentação

Temos a satisfação de apresentar os trabalhos dos agraciados com o Prêmio Anísio Teixeira para monografias no ano de 2019. Desde 2018, passamos a admitir também textos de caráter literário, ficcional ou não. Estamos convencidos da adequação da medida. Afinal, o engajamento no trabalho cotidiano docente do Ensino Fundamental limita as possibilidades de professores quanto à imersão na vida acadêmica. Com esta nova possibilidade, passamos a ampliar o número de potenciais candidatos ao Prêmio.

Em acréscimo, ficam acessíveis a conhecimento mais amplo, produções textuais de docentes que nos contam, mesmo que com caráter ficcional, um pouco das ricas e infinitas experiências de sua vida profissional. É o que acontece com a publicação deste ano, quando dois trabalhos de cunho literário foram os agraciados. Assim, parabenizamos aos selecionados, agradecemos imensamente aos autores dos vários trabalhos submetidos e renovamos os votos de que esta modesta premiação siga incentivando nosso grande corpo docente a refletir sobre sua prática e seu contexto, contribuindo para uma elevação geral do nível de qualidade de nossa oferta educativa.

**Marcio da Costa**

Diretor Geral da Escola de Formação Paulo Freire

**Cadê o menino que  
estava aqui?**

**Uma história sobre empatia  
e o verdadeiro papel da escola**

MICHELLE SABBATINI MALTA DA SILVA

---

Monografia Premiada



**NOME:**

**Michelle Sabbatini Malta  
da Silva**

**FORMAÇÃO:**

- ◇ Neurociências e aprendizagem (2014) - UFRJ
- ◇ Gestão educacional pública (2011) – Senac/Rio
- ◇ O papel do corpo na escola (2009) - PUC/Rio
- ◇ Práticas e vivências na EI (2006) – PUC/Rio \* Pedagogia (2001) – SIMONSEN

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DOCENTE:**

- ◇ Professora da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro há 18 anos.
- ◇ Atuou como regente em classes regulares e em turmas de correção de fluxo
- ◇ Foi Professora Articuladora da Creche Meimei (8ª CRE) - 2006
- ◇ Atuou como Diretora da Creche Dente de Leite (8ª CRE) - 2011
- ◇ Atualmente, integra a equipe da Gerência de Educação da 8ª CRE e atua, em paralelo, como regente na turma 1.101 da EM Marieta da Cunha da Silva – 8ª CRE

## APRESENTAÇÃO

O texto “*Cadê o menino que estava aqui?*” - *Uma história sobre empatia e o verdadeiro papel da escola* - recebeu influência dos aprendizados que o trabalho na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, em diferentes espaços, nos proporcionou até aqui.

A diretriz reflexiva será em uma escola localizada na zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Nesse espaço educacional, Maria Helena, aluna do PEJA, preocupa-se com o sumiço de Carlos e propõe a pergunta que dá nome à história. O que ela não sabia era que o seu olhar atento e preocupado com o outro desencadearia uma rede de ações, envolvendo várias pessoas na construção de um projeto sobre infrequência, abandono e evasão escolar.

A diretora Clarice, os alunos do Conselho Escola Comunidade (CEC), a professora Rafaela e muitos outros parceiros entraram nessa história, cheia de emoções e valorização da escuta, da humildade, da vontade, da força do pensamento e das nossas potencialidades, nas diferentes fases da vida.

E Carlos... será que voltou para a escola? E o projeto pensado para os problemas da infrequência e da evasão? Deu certo? Venha descobrir essas respostas e se identificar com essa história que, apesar de pequenina, promete falar muito aos nossos corações.

## A PONTINHA DO VÉU

Estávamos em julho, era semana de avaliação. Eu havia retornado aos estudos no início daquele ano e estava feliz por essa conquista. Pra quem teve dificuldades na vida e precisou abrir mão dos estudos no tempo apropriado, como aconteceu comigo, poder retornar depois de ter os filhos crescidos é motivo para se orgulhar e eu tenho muito orgulho mesmo da minha história. Mas, naquele momento, minha preocupação era outra. Enquanto fazia a avaliação, volta e meia eu pensava: Cadê o menino que estava aqui? Carlos tinha idade pra ser meu filho e sentava logo ali, num canto da sala. Vivia cabisbaixo, olhar perdido. Antes, não faltava, mas parecia que a cabeça também não estava nas aulas. Eu não tenho nada a ver com isso, embora, no fundo, sinta que tenho. Não conseguia deixar de pensar nele. Um dia, tentei puxar conversa. Ele me olhou com olhos de doçura e se esquivou, não quis assunto. Naquele dia, senti falta dele. Faltar assim, em semana de avaliação... podia estar precisando de ajuda. Será que tem mãe? Eu pensei e achei graça; olha só, eu já querendo adotar o Carlos. O ônibus se aproximou do meu ponto e eu levantei decidida a saber notícias dele, no dia seguinte. O que eu não sabia é que não seria tão fácil assim.

Eu sou Maria Helena, tenho sessenta anos e fui aluna do PEJA de uma escola municipal, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Lá eu conheci o Carlos e outras pessoas que me impactaram profundamente. Foram vivências e aprendizados além das aulas, dos livros, além do diploma, que eu precisava tanto para melhorar de vida. Naquele tempo, eu pensava que o diploma seria minha maior vitória, na escola; porém o sumiço do Carlos foi a pontinha de um véu sobre evasão escolar que precisava ser completamente levantado, o que podia e precisava ser feito e, de repente, um novo horizonte se abria para mim. Mas vamos começar pelo começo, quando senti falta do Carlos. Na noite do dia seguinte, iniciei minha procura na secretaria escolar.

...

## QUEM É CARLOS?

Saí de casa mais cedo, não podia perder o ônibus anterior ao horário habitual. Me lembrei que era quarta-feira, e nas quartas, a secretária escolar trabalhava no horário noturno da nossa escola. A secretária Valéria, certamente, saberia me dar notícias sobre o colega de classe.

— Carlos? Quem é Carlos?

— É da minha turma, dona Valéria. Um menino alto, negro, olhar sempre para baixo. Deve ter uns vinte anos.

— Não me lembro... Faz o seguinte: quando acabar a aula, dá um pulinho aqui outra vez. Vou pesquisar a situação dele no sistema e depois te falo.

Assim combinamos. Só que, no retorno, a secretária havia esquecido, envolvida em outras tarefas. Era apenas uma pesquisa; no entanto, já estava tarde e, horário de saída de escola à noite, o melhor é sair com o grupão. Alcancei uns meninos da minha turma, que já seguiam mais à frente. Todos me tratavam com muito carinho e respeito, eu era a mais velha da nossa turma. Perguntei sobre o Carlos, mas eles também não sabiam. Ele não andava com eles e não sabiam onde ele morava. Só podia ser novo no bairro. Fui para casa, torcendo para que ele retornasse no dia seguinte. Afinal de contas, quem não tem problemas e, às vezes, precisa se ausentar para resolvê-los?

Na noite de quinta me atrasei para chegar na escola. Tive uma encomenda grande de salgados para entregar à Cida, Deus a abençoe! Sempre prestigiando meus quitutes, me indicando na vizinhança e valorizando meu trabalho. Muito mais que uma vizinha, é uma amiga pra vida toda. Acho até que é um pouco culpada da minha preocupação com o Carlos. Cida também não precisava divulgar o meu trabalho, indicar os meus serviços para ninguém, mas fazia com gosto. Acho que ela percebia minha luta com os meninos pequenos, eu ainda tão jovem, porém não deixava a peteca cair. Perdi as contas,

nesses anos todos, de quantas vezes alguém bateu em minha porta para encomendar meus bolos, doces e salgados, dizendo: *É aqui, a moça dos salgados, amiga da dona Cida?* Quantos fregueses e amigos conquistei, com a ajuda dela! Fosse o dia que fosse, encomenda da Cida sempre foi lei para mim, até em semana de prova. Salgados entregues, lá fui eu, correndo para a escola.

Cheguei esbaforida na porta da minha sala de aula, onde estavam conversando a diretora Clarice e a professora de matemática, Rafaela. Eu não podia perder aquela oportunidade, por isso fui logo me desculpando pelos minutos de atraso, olhei rapidamente o espaço da sala de aula e, em seguida, falei:

— Ontem eu estive na secretaria, procurando notícias sobre o Carlos, aqui da sala. Ele já falta há alguns dias, vocês sabem o que aconteceu?

— Carlos? O irmão do Caio? Me perguntou a diretora Clarice e Rafaela se antecipou:

— Não, Clarice. O Carlos, irmão do Caio é de outra turma. O Carlos dessa turma, eu acho que é um menino que costumava sentar ali no canto, não é, Maria Helena?

— Isso mesmo, professora.

— Sim, já sei quem é, continuou Rafaela. Infelizmente, Maria Helena, você vai perceber que a falta e o desinteresse são comuns, principalmente à noite. Esse menino vivia com a cabeça no mundo da lua, sem perspectivas. Deve ter abandonado.

A diretora Clarice preocupou-se:

— Mas será que já tem faltas suficientes para ser eliminado? Preciso ver isso, o Sistema e o quadro de vagas precisam estar sempre atualizados. Obrigada por avisar, Maria Helena. Amanhã de manhã, vou verificar com a secretária Valéria.

Eu agradeci, sentei no meu lugar e fiquei com uma sensação esquisita. Apesar de falarmos sobre a mesma situação, nós três tínhamos leituras bem diferentes, diante da ausência daquele aluno. No meu caso, havia algo um pouco maternal e uma certa empatia, uma preocupação de quem já foi jovem e também não conseguiu permanecer na escola. Para a professora Rafaela, percebi que havia um desânimo ou conformismo diante de mais um aluno sem frequentar as aulas. Parecia que ela estava triste com o fato e já havia notado as distrações de Carlos, quando ainda frequentava. Mesmo assim, não a percebi envolvida ou capaz de modificar a situação. Já a diretora Clarice demonstrou preocupação com o sistema e com as vagas, o que me impactou bastante. Não devia mesmo ser fácil ser diretora de uma escola tão grande, com três turnos, mantendo sempre tudo em ordem. Paula, a diretora-adjunta, estava de licença desde o início do ano. Clarice estava sempre conversando com os alunos, andando

pela escola, atenta às necessidades em geral. Uma liderança respeitada por muitas gerações, afinal, foi professora da nossa escola por vinte anos. Alfabetizou muitos pais dos alunos do horário diurno, e muitos adultos só retornaram aos estudos à noite porque souberam que ela foi eleita como diretora. Confesso que me senti um pouco desapontada com a reação de Clarice, em relação ao caso de Carlos. Era a situação de um ser humano e, não, apenas mais uma matrícula no sistema. Mas, pensei: E se fossem vários Carlos e Marias e Joanas sumindo da escola? Como a diretora Clarice poderia dar conta de cada aluno? Nos dias seguintes, eu ainda repeti a mesma pergunta aos outros professores da turma: Sabe o que houve com o Carlos? Cadê o menino que estava aqui? Aquele... negro, alto, ... Nada! Ninguém sabia, ninguém lembrava. Alguns demonstraram certo interesse momentâneo, nada que movimentasse alguma atitude. Nem eu sabia, ao certo, o que fazer. E se eu tivesse notícias? O que faria com elas? Como poderia ajudar, de verdade? Eu já tinha as minhas lutas. Sempre fui mulher de fé. Decidi rezar pelo Carlos, para que não desistisse do bem, dentro ou fora da escola, desejei que tivesse uma vida feliz, de saúde, de paz. Além do mais, talvez não fosse, mesmo, o melhor momento para que ele estivesse na sala de aula. Eu mesma só retornei à escola depois de mais de trinta anos. Desanimada? Conformada? Talvez a professora Rafaela também já tivesse pensado como eu, algum dia. Talvez eu começasse a compreendê-la. A gente transforma o inaceitável em aceitável, depois se torna comum e até parece normal, natural. Fluxo impossível de deter. Eu me perdia em pensamentos de aceitação, para tentar me enganar e acreditar que estava tudo bem. Eu não tinha a noção do universo que é cada escola. Era melhor seguir o meu caminho, fazendo o que sabia, onde podia. Naquele momento, eu queria fazer alguma coisa pelo Carlos. Mas não sabia o quê, nem como fazer.

...

## **REVIRAVOLTA**

Meu celular tocou, por volta das dez horas da manhã. A secretária Valéria me ligou, a pedido da diretora.

— Olá, Maria Helena. Como vai? Hoje à tarde, haverá uma reunião agendada entre a diretora Clarice e os componentes do CEC, o Conselho Escola Comunidade, da nossa escola. Apesar de você não fazer parte, ela gostaria muito de contar com a sua presença. A reunião será aqui mesmo, às treze horas. Você poderá participar?

— Sim, dona Valéria. Tudo bem, vou me organizar e estarei aí.

Despedimo-nos, não fiz qualquer pergunta e fiquei morrendo de curiosidade. Seria alguma notícia do Carlos, após três semanas? Mas, por que precisaria do CEC ou de uma reunião especial para isso? Bom, só me restava aguardar e trabalhar, porque serviço não me faltava.

Ansiedade a mil, cheguei na escola com quarenta minutos de antecedência. Sentei no pátio para aguardar, observando que a minha escola era outra escola, durante o dia. Curioso como os espaços se transformam, de acordo com as pessoas que nele interagem. Durante o dia, eram muitas turmas e alunos do quinto ao nono ano. Risadas espontâneas no pátio, esportes e torcida na quadra, refeitório lotado como eu nunca tinha visto à noite. Vida intensa e barulhenta no térreo da escola. Eu gostei muito e, enquanto me distraía ouvindo as vozes das crianças, me lembrei de quando era menina e sonhava em ser professora. Lembrei as brincadeiras de escolinha, lembrei a infância com meus irmãos no quintal da vó Celina, com mangueira, goiabeira e pés descalços. Eu sorria com cara de boba, embalada em boas lembranças, quando fui interrompida pela voz da diretora Clarice. Já estava na hora da reunião e nem percebi. Penso que viajar de volta à infância e resgatar memórias significativas são doses necessárias e que fortalecem a nossa alma, as nossas convicções e até explicam muito sobre quem somos. Por mais que a juventude tenha sido de lutas, aquela menina de pés descalços nunca me permitiu deixar de sorrir, deixar de sonhar. Às vezes, nos concentramos muito nas dificuldades, nos erros, naquela meta não alcançada. Penso que é preciso resgatar o que há de bom e o que foi feliz. Pegar impulso nas risadas do quintal da vó Celina era vital em muitos momentos para mim. Foi assim que brinquei com meus filhos, mesmo quando queria chorar. Eles também precisavam construir boas lembranças de infância. Eu não sabia, ao certo, como seria o futuro, mas sentia que a construção de uma infância cheia de carinho e brincadeiras poderia ser algo de muito valor, um alicerce para eles, assim como era para mim... Eu me sentia motivada pela intensidade que observava na escola e feliz porque a pequena Lena ainda brincava dentro de mim. Mas, naquele instante, foi preciso retornar. Sorri para a diretora Clarice e caminhei na sua direção, recebendo um sorriso de volta e um abraço acolhedor.

Entre no gabinete de Clarice, onde já havia um grupo falante. Era o CEC reunido. Lá estavam o professor Marcos, de história; Lenita, presidente da Associação de Moradores e os alunos Letícia, Gabi, Rafinha e João, todos do oitavo ano. A mãe representante do CEC, dona Isaura, estava em um novo horário de trabalho e, por isso, não conseguia mais participar das reuniões. Depois, em dia de folga, passava na escola para ler a Ata, tomar ciência dos fatos e dar sugestões. A diretora Clarice explicou que não deveria ser assim, porém, na época da eleição dos representantes do CEC, Isaura tinha disponibilidade e interesse em participar. Aliás, foi a única responsável que se interessou. Terminadas as apresentações e explicações, a diretora iniciou sua fala sobre o objetivo daquela reunião:

— Meus amigos, muito obrigada pela presença de todos. O motivo dessa reunião é apresentar uma ideia que tive há duas semanas; fiquei amadurecendo, refletindo e resolvi trazer para conversarmos e construirmos um projeto juntos. No início do mês passado, estive em uma reunião para diretores de escola, com a presença de representantes da SME, do Conselho Tutelar e do Ministério Públi-

co, sobre evasão escolar. A cobrança sobre a escola está cada dia maior e o tema realmente merece essa atenção. Se o aluno não está na escola, onde ele está? O que o afasta? O que pode ser feito para que retorne? Nossa escola oferece três turnos de atendimento, são quase setecentos alunos. Consigo manter o sistema de dados dos alunos atualizado, graças ao apoio da nossa secretária Valéria. No entanto, é muito mais do que atualização de dados. Nós buscamos contato, através dos telefones disponíveis, nem sempre temos sucesso. Preciso que vocês me ajudem a descobrir o que precisamos fazer. Há três semanas atrás, tivemos o caso do Carlos, aluno do PEJA. Maria Helena me perguntou e eu não sabia quem era o aluno. Busquei me informar, vi que ele ainda não tem faltas para eliminação, tentamos contato telefônico, porém ninguém atende às ligações no número registrado... diante do quadro, ele, provavelmente, será eliminado. Tratar da infrequência no PEJA é ainda mais complicado. Na maioria das vezes, o aluno é maior de idade e, apesar de estar no esforço, outras prioridades o afastam da escola. Carlos é mais um caso, entre tantos... A Maria Helena também é aluna do PEJA e, como ela percebeu a ausência do colega, demonstrou interesse e sensibilidade pelo tema, eu a convidei para fazer parte dessa reunião para, juntos, iniciarmos algumas ações aqui na escola. - Eu preciso muito da ajuda de vocês. Todos sabem que a Direção tem muitas atribuições e muitas ações, com prazos curtos estabelecidos. Todos os dias, informações e dados precisam de atualização, contas precisam ser prestadas, o desempenho dos alunos precisa de acompanhamento, reuniões dentro e fora da escola acontecem o tempo todo, enfim, são muitas ações e todas possuem a sua importância. Confesso que, muitas vezes, organizo meu tempo na escola, não pelas prioridades, mas pela proximidade dos prazos. Sei que muitas coisas que dizem respeito à essência da escola vão ficando para depois, e o tratamento da infrequência e do abandono escolar estão nesse pacote. Averiguamos, ligamos para alertar sobre as faltas, constatamos situações e atualizamos o sistema. Comprovar que o problema existe e atualizar o sistema escolar são etapas desse acompanhamento, mas o que mais podemos fazer? Como podemos entender melhor a situação desses alunos e até, em alguns casos, resgatá-los? O que vocês acham que podemos fazer?

O caso, realmente, era complexo. Clarice nos trouxe essa demanda e, por um momento, no silêncio, nos entreolhamos. Foi muito rápido, lembro que senti o coração acelerar e uma certeza muito grande: eu precisava me posicionar! Respirei fundo e disse:

— Clarice, muitas coisas passaram pela minha cabeça enquanto você falava e fico muito feliz em estar aqui para ajudar a pensar a respeito. Imagino que cada um de nós presentes nessa reunião possa contribuir e acredito que estejamos disponíveis para isso. Lembro que fiquei muito impactada no dia em que conversamos sobre as faltas do Carlos. Eu, você e Rafaela falávamos do mesmo caso, mas cada uma tinha uma perspectiva e lidou com o caso de maneira diferente. Eu acho a representati-

vidade muito importante e, nesse momento inicial, para que esse projeto realmente mergulhe nessas questões e em diferentes pontos de vista sobre elas, o que você acha de realizarmos uma assembleia geral?

Todos me olhavam com expressão de surpresa. Acho que também me surpreendi. Parece que eu descobria, em mim, certa vocação ou sensibilidade para lidar com a questão. Talvez os outros pensassem: Quem essa mulher, aluna do PEJA, pensa que é? Ou, talvez, não. Talvez fossem meus preconceitos escondidos e pensamentos de insegurança mostrando as garras, querendo me boicotar... Foram segundos, mas redirecionei o foco do pensamento para a proposta que apresentava naquele momento e continuei:

— Podemos fazer uma boa divulgação, conversando nas salas, enviando bilhetes aos responsáveis, publicando na página da escola na internet. No dia combinado, recebemos os que vierem, conversamos sobre o tema, coletamos o que as pessoas pensam e sugerem sobre a questão, e, depois, com esse material em mãos, poderemos entender melhor a realidade da nossa escola sobre evasão escolar.

Olhamos para Clarice, esperando uma posição. Antes que ela organizasse as palavras, os alunos do CEC demonstraram expressões de grande empolgação. Letícia se antecipou:

— Adorei! Assembleia geral é uma ideia top! Podemos aproveitar o próximo Centro de Estudos parcial, na sexta-feira da semana que vem e, hoje mesmo, já iniciar a divulgação nas salas. Vamos produzir panfletos para colocar nos murais e, talvez, até uma faixa, para a frente da escola!

Todos achamos graça da empolgação de Letícia. João, mais ponderado, foi alertando:

— Garota, deixa de ser sem noção! A diretora Clarice ainda nem falou nada. Assim você assusta a dona Maria Helena, que acabou de nos conhecer!

Mas Clarice logo interveio:

— Que nada, Letícia é decidida, isso sim. É claro que precisamos da sua cautela, João, para organizarmos, juntos, o planejamento da assembleia, aliás, precisaremos da colaboração de todos. Não percamos a empolgação da Letícia. Sinto que essa ideia da Maria Helena será um pontapé inicial para um grande projeto na nossa escola. A proposta está aprovada! Agora vamos ao passo a passo, porque toda grande ideia precisa de organização e muito trabalho para sair da incrível e potente fábrica dos pensamentos.

Eu mal podia acreditar! Acabava de sugerir algo grande, desafiador. Todos gostaram e logo iniciamos as anotações para organizar a assembleia. Aos poucos, pelas falas, fui observando o jeitinho de cada um do CEC e como, juntos, tinham potencial. Eu não sabia, ao certo, como agir. Já havia fala-

do tanto, sem nem conhecer o grupo. Agora procurava me calar mais, observar, responder quando perguntavam, afinal, todos precisavam e queriam colaborar. A diretora Clarice também observava e me olhava com alegria. Conforme a equipe do CEC sugeria as ideias, Clarice olhava o calendário, falava sobre a viabilidade, consultava sua agenda de reuniões. Aos poucos, tudo foi se ajeitando. Para mim, foi uma grande reviravolta. Eu já voltava a nutrir esperanças de encontrar o Carlos, com a ajuda do grupo e do projeto que começava a nascer. Também enxergava possibilidades de atuar na prevenção de outros afastamentos, quem sabe? Essa era a ideia. Era preciso trabalhar, como disse nossa diretora, que não cabia em si de contentamento. Durante nossa reunião, várias situações quase a impediram de continuar ali. Telefonemas, chamados, assinaturas após a chegada de mantimentos para a merenda escolar, respostas para andamentos que só ela poderia dar. A secretária Valéria e a Coordenadora Pedagógica Luiza fizeram um verdadeiro paredão para filtrar as demandas e eu percebi a importância daquela equipe, na dinâmica da gestão da escola e, naquele momento, para a continuidade da participação de Clarice na nossa reunião. E valeu muito a pena! Após duas horas, traçamos o planejamento para a assembleia geral, que ficou assim definido:

— Assembleia programada para o próximo Centro de Estudos parcial, de acordo com o Calendário Escolar, para ocorrer dali a sete dias, conforme Letícia já havia sugerido;

— Às dez horas da manhã, concentração na quadra da escola, com fala inicial de Clarice e posterior movimentação dos presentes em grupos menores, nas salas, para melhor rendimento das discussões;

— Cada grupo com dois mediadores, não necessariamente professores, para que eles também pudessem participar dos debates. Combinamos de convidar alguns professores e alguns alunos representantes de turma, dos três turnos da escola. Eu também seria mediadora, assim como os outros componentes do CEC, menos Clarice, que se movimentaria pela escola, assim como a coordenadora Luiza, visitando cada sala, colhendo as impressões da assembleia e fotografando,;

— Nos dias de organização, assim nos dividiríamos: Marcos convidaria alguns colegas professores; Letícia e João convidariam alunos representantes dos turnos da manhã e da tarde para uma conversa e, com a participação da coordenadora Luiza, lhes explicariam sobre a proposta da mediação; Gabi confeccionaria um cartaz para o mural de entrada da escola, onde ficaria posicionada, para falar com as pessoas que passassem por ali nos horários de saída do primeiro e entrada do segundo turno; eu também convidaria alguns alunos e professores do PEJA, além de passar nas salas para divulgar a assembleia; Rafinha cuidaria da divulgação, com atualização diária nas redes sociais da escola e postagens de textos e vídeos confiáveis, com foco na infrequência, no abandono e na evasão escolar; Clarice faria uma chamada geral, nos diferentes horários de recreio no pátio da escola, compartilhando essa

tarefa com Luiza, de acordo com a disponibilidade diária das duas; Lenita, presidente da Associação de Moradores, disponibilizaria parceria com o carro de som que cuida de divulgações nos arredores, para incluir o convite à comunidade escolar. Letícia, Rafinha, Gabi e João ainda envolveriam os outros colegas representantes na preparação para a mediação, em três encontros nos contraturnos, já na próxima semana, com supervisão da Coordenadora Pedagógica Luiza. Eu esclareceria o grupo da noite, também com a parceria de Luiza;

— Decidimos também nos encarregar da divulgação boca a boca, evitando, assim, maiores gastos com faixa e panfletos. Além do mais, teríamos a divulgação nas redes sociais e com o carro de som, ultrapassando os muros da escola. Clarice solicitou que Valéria contactasse Isaura, a mãe representante do CEC, o quanto antes. A ideia era que ela acionasse a responsável suplente, além de outras mães representantes de turma, para que, nos seus horários disponíveis, falassem da assembleia a outros pais;

— Após a Assembleia, nosso grupo de mediadores almoçaria na escola e, em seguida, se reuniria na Sala de Leitura para compartilharmos como foi a troca nas salas e entregarmos ao CEC as fichas preenchidas com as informações coletadas.

O tempo era curto e todos tínhamos outros afazeres, além da organização da assembleia. Mas tudo foi programado, tarefas foram divididas e a ideia de envolver outros parceiros, com a formação dos mediadores, certamente nos animava e fazia tudo parecer possível. Meu coração batia em um compasso diferente, parecia mais forte, mais decidido. Eu sabia que os próximos dias correriam e isso me deixava um pouco nervosa, acho que ansiosa, em visualizar a assembleia acontecendo. O melhor de tudo era que não era mais a minha ideia, e isso me encantava e assustava, ao mesmo tempo. Eu lancei a proposta, o grupo acolheu, interferiu, acrescentou, transformou e, agora, tínhamos ações em andamento, que visavam algo maior... Gratidão por participar dessa ação na minha escola. Gratidão por esse sentimento de pertencimento que me preenchia...

...

## **ASSEMBLEIA GERAL**

Chegou o dia. Naquele período de organização, seguimos com as ações planejadas. Algumas precisaram de adaptação e tudo bem por isso. Existe aquilo que se espera e aquilo que se consegue fazer. Ainda assim, não houve desânimo ou comodismo. Sabíamos os objetivos da assembleia geral. Tínhamos metas a alcançar, por isso as adaptações que foram necessárias no planejamento inicial, não nos deixaram confusos. Se esse trajeto não funciona, tentemos um outro que leve ao mesmo destino, assim encaramos.

Escola é movimento. Que ninguém se engane em manter projetos encadernados e engavetados com frases clichês dos grandes ícones da Educação. Não funciona, não é proposta, é apenas papel engavetado. Eu ainda não sabia nada sobre projetos pedagógicos. Sabia sobre empatia, sobre sentir falta do outro, sobre a importância de se construir coisas com outras pessoas, sobre a importância de um impactar a vida do outro. Eu não sabia que projeto pedagógico vivo tem dessas coisas que eu tinha no coração... Por isso, naquela semana intensa de preparativos para a assembleia, cada um se movimentou e vestiu a camisa, oferecendo, não apenas braços e tempo para cumprir nossos objetivos, mas algo a mais que podia oferecer da sua essência. Tinha brilho nos olhos de uns, sorriso nos lábios de outros, empolgação em muitos, concentração e ponderação notáveis, perfeccionismo em alguns, vontade de fazer dar certo em todos. Diante das necessidades que surgiram, abraçamos e adaptamos, por exemplo, como o fato de não conseguirmos envolver tantos responsáveis representantes como gostaríamos - isso ficou claro. Quando os alunos não são mais tão pequenos, alguns responsáveis se distanciam um pouco da escola; no entanto, as chamadas nos recreios, foram empolgantes. Então, aproveitamos para motivar os alunos a abordarem o tema em casa e estenderem o convite para a assembleia às famílias. Inclusive, nem sempre Clarice e Luiza puderam realizar as chamadas aos alunos durante os recreios. Nesse caso, um dos professores mediadores disponíveis assumia o microfone e envolvia a garotada, o que trouxe certa dinâmica, porque cada um falou do seu jeito e, segundo os meninos, isso foi muito legal.

E, agora, estávamos ali. Chegou o momento. Os alunos do primeiro turno foram encaminhados para a quadra, assim como os professores e funcionários representantes dos diferentes seguimentos. O portão principal foi aberto e, em instantes, a quadra estava lotada. A diretora Clarice agradeceu a presença de todos e explicou que a fala de cada um era fundamental para que a escola identificasse as causas e pensasse em como lidar com o problema da infrequência, do abandono e da evasão escolar:

— Se alguém está matriculado na escola, por que não vem? E se não está aqui, onde está? O que afasta nossos alunos da oportunidade de aprender? O que a escola pode fazer para diminuir os afastamentos dos alunos e, até, resgatar aqueles que estão desanimados em continuar? Alguns estão matriculados na idade certa, mas a infrequência já influencia seus desempenhos. Outros buscam uma nova oportunidade, nos nossos projetos de correção de fluxo e também através do PEJA. Estão no esforço, certamente, porém o abandono faz parte do processo e os dados mostram muitos alunos desses grupamentos desistindo e se afastando da escola. Na assembleia de hoje, precisamos que vocês nos ajudem a pensar, encontrar possíveis motivos, caminhos viáveis para que todos possam ficar na escola. A fala de cada um importa porque a presença de cada aluno é valiosa para nós. Até hoje, somos eficazes em constatar as faltas, os abandonos, a evasão mas isso não basta porque não muda a realidade da

nossa comunidade escolar. Precisamos avançar com ações proativas e preventivas. Por isso, não se calem, não se sintam inibidos em participar. E para iniciarmos esse trabalho tão importante, peço que cada um observe a cor da pulseira que recebeu ao entrar na escola. Nesse momento, alguns monitores estão posicionados à esquerda da nossa quadra e, outros, nas portas das nossas salas de aula, todos com placas das cores correspondentes às pulseiras recebidas. Com tranquilidade e aos poucos, vamos nos movimentar e identificar os monitores das salas onde nos reuniremos.

Fiquei emocionada com aquelas palavras de Clarice. Entendi que uma boa diretora de escola não é aquela que demonstra saber ou fazer tudo, mas, aquela que consegue se autoavaliar e tem humildade para pedir ajuda, quando é necessário. Pegar aquele microfone e dizer para tantas pessoas que não tem feito o bastante e precisa de cada um foi muito nobre, eu achei. Seguimos todos para a acomodação dos participantes e início das trocas, em grupos.

Nas salas, os mediadores propuseram dois momentos de trinta minutos, cada. No primeiro momento, a pergunta norteadora foi: Para vocês, quais motivos levam o aluno a faltar e a abandonar a nossa escola? Após o tempo estabelecido, os mediadores comunicaram a segunda reflexão: Como vocês acham que a escola pode diminuir os casos de abandono? Os mediadores distribuíram papel e caneta, além de solicitar que um dos componentes se disponibilizasse para os registros. Além disso, realizaram o controle do tempo, incentivaram a participação, quando necessário, e recolheram os registros tão esperados.

Na minha sala e, de forma geral, foi tudo tão tranquilo, que se não estivesse atenta ao relógio, nem sentiria o tempo passar. No almoço, comentávamos sobre apontamentos que se sobressaíram em nossas salas, além de aspectos da organização, tanto os positivos, como outros que poderíamos melhorar, em outros momentos. Sim, por que não? Às vezes, as escolas têm medo de abrir suas portas para a comunidade escolar. Não sei se é insegurança, preconceito ou um misto dos dois. Para nós, foi um momento de muita verdade, muito ‘olho no olho’ e, novamente, aquela rica oportunidade de tentar se colocar no lugar do outro, pois diferentes posicionamentos foram levantados, de diversos lugares, sobre um tema em comum. Agora era dar seguimento ao trabalho e estreitar esses laços com as famílias e a comunidade escolar.

...

## **DIANTE DOS DADOS**

Após o almoço, deixamos com Luiza os dados coletados nas dez salas. Ela juntou tudo no mesmo envelope, com cuidado. Nos falou sobre as fotografias que realizou em cada sala e que esse material original, com as fotos impressas, faria parte dos anexos do projeto. Mais tarde, no horário

noturno, com a ajuda de Clarice, fazia o levantamento dos dados e nos encontraríamos novamente na quarta-feira à tarde.

Na semana seguinte Clarice teve reunião externa no mesmo dia e horário da semana anterior e Luiza nos apresentou o material coletado na assembleia. Nessa oportunidade, ao chegar na escola, também soube, pela secretária Valéria, sobre a eliminação do Carlos da minha turma. Motivo: abandono escolar. Isso muito me entristeceu, ainda pensava nele e nos possíveis motivos que o afastaram da escola. Tinha esperança no seu retorno e pedia a Deus por seu bem-estar, como pedia por meus filhos, todos os dias. Mas a sua eliminação da escola só o afastava cada vez mais... Coração apertado, pensamentos interrompidos pela fala de Luiza:

— Queridos representantes do CEC, queridos mediadores, eu e Clarice lemos e organizamos o material fruto do trabalho de todos nós, sobre como os participantes da assembleia pensam a questão da evasão escolar no nosso espaço. Realmente, sem essa ação, teríamos uma visão bem diferente e mais limitada, não conseguiríamos lidar verdadeiramente com a questão. Vocês perceberão que se trata de uma lista pequena. Isso aconteceu porque cada grupo se expressou de uma forma. Em algumas salas, escreveram formulando textos, em outras, tópicos. Mas, ao ler, identificamos ideias sinônimas ou afins, por isso extraímos e listamos as possíveis causas e sugestões, de forma sucinta, para facilitar nossa visão do todo, evitando repetições. A lista apresenta os motivos na ordem de maior para menor número de vezes citados. Obrigada pelo esforço desse grupo e de cada um. Que esse esforço se multiplique, porque diante dos dados, vocês perceberão que esse foi um pequeno passo, entre tantos a dar.

Olhamos para o quadro apresentado em slide:

1ª ASSEMBLEIA GERAL SOBRE INFREQUÊNCIA, ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR	
Possíveis motivos que levam o aluno a faltar e/ou abandonar a nossa escola	Sugestões para a escola tentar diminuir os casos de faltas e/ou abandono
1- Dificuldade para aprender; 2- Não se sentir parte da escola; 3- Achar a escola chata; 4- Não acreditar que o conhecimento poderá contribuir para sua melhoria de vida, desvalorização do papel da escola.	1- Aulas de reforço mais concretas e mais interessantes; 2- Maior investimento na valorização da autoestima dos alunos; 3- Rever a metodologia de ensino da escola; 4- Apresentar exemplos de vida bem-sucedidos através da educação; Proporcionar experiências de melhoria de vida, através da educação.

Com o quadro apresentado, houve rebuliço e várias falas se sobrepunham. Me lembro claramente de algumas:

— *Como assim, resolvem faltar e a culpa é da escola?*

— *É uma questão pedagógica? Entenderam o tema direito?*

— *Finalmente, uma escola que vai nos dar voz!*

— *Sempre falei que é preciso prestar atenção à autoestima desses meninos!*

Eu olhei para a lista de motivos e achei que tinham a ver com o Carlos, amuado naquele canto da sala e achei, também, que, se ele estivesse ali, na assembleia, se identificaria com aquele resultado. Já a lista de sugestões, achei que continha ideias ótimas para direcionar as ações do projeto e que, uma vez implantadas, poderiam melhorar a qualidade da escola em outros quesitos também.

Luiza parecia muito contente com o resultado. Mais tarde entendi que a coordenadora tentava, nos últimos três anos, desde que assumiu a coordenação, abordar o uso de tecnologias e metodologias mais inovadoras no projeto da escola, encontrando mais resistência do que apoio por parte dos professores. Mas, agora, era diferente. Existia a força de grande representatividade naqueles dados. Falava a respeito da escola que aquelas pessoas queriam e precisavam ter. E, afinal de contas, tudo, em uma escola, não deve caminhar na direção de motivar, ajudar, ampliar o mundo do aluno? E, quem discordava, o que propunha? Continuar do mesmo jeito? Minha experiência de vida mostrava que, para modificar alguma coisa, avançar, atingir novos objetivos, era preciso fazer diferente do que já se fez até então. Mas alguns professores presentes estavam incomodados. Eu também sentia que, chateados, não colaborariam para que aquelas sugestões avançassem muito. Certamente Clarice e Luiza já esperavam por isso. A fala de Luiza foi cuidadosa e pertinente:

— Pessoal, nos abrimos para ouvir e esse é o resultado. Não existe lado certo ou errado. Percebemos que os apontamentos estão baseados em questões socioemocionais e as sugestões apresentadas seguiram a busca por solucionar essas questões. Simples assim. A partir de agora, respeitando essas falas, vamos traçar um roteiro de ação, começando pelos motivos apresentados.

Imaginemos que não se trate da nossa escola, ou de qualquer outra escola. Quando temos dificuldade para aprender alguma coisa nova, é possível que acabemos desistindo? Quando não nos sentimos parte de um grupo, queremos permanecer frequentando o espaço onde esse grupo está? Quando achamos uma instituição chata e não acreditamos que possa nos agregar algo de bom, persistimos em frequentá-la?

Houve um grande silêncio. Tudo fazia sentido. Luiza continuou:

— Estamos diante dos dados coletados e parece que eles dizem respeito ou colaboram para a evasão escolar, já que o desinteresse, o desânimo, o insulamento, a descrença no poder da educação são fatores que influenciam para o afastamento, sem dúvidas. Além dos aparentes motivos, temos também sugestões que abrem um leque de possibilidades para lidarmos com essa realidade. Vamos nos ouvir mutuamente e dialogar, em busca de caminhos que não fechem mais essa porta de informações que se abriu e vejamos como cada um poderá contribuir.

...

### **CADÊ O MENINO QUE ESTAVA AQUI?**

Nos dias que se seguiram, a questão que se espalhou dentro da escola foi: O que você gosta de fazer quando não está na escola? Os professores começaram um levantamento com os alunos e a Luiza fez o mesmo levantamento com os professores. Descobrimos novos gostos e habilidades, que inspiraram um movimento de planejamento de oficinas, palestras e um ritmo diferente, na nossa escola.

Nosso grupo de mediadores continuou somando forças junto ao CEC e à proposta da escola num todo. O projeto atento à evasão tomou dois caminhos necessários. Por um lado, a necessidade de olhar, com carinho, para cada caso de infrequência já existente e procurar esses alunos ativar uma rede, para demonstrar a importância de cada retorno, compartilhando que a escola assumiu todo um movimento de mudança por cada um deles, buscando conhecer o motivo individual e particular que os afastou da escola, eram medidas fundamentais. Além disso, adotar fortes medidas para a prevenção de novos afastamentos. No contexto preventivo, a desatenção ganhou enfoque no projeto porque, quando a aula não é interessante, mesmo que seja frequentando, o aluno não se prende muito ali, o pensamento não fica. Me lembro que, muitas vezes, me peguei planejando os afazeres do dia seguinte com a cabeça fora da sala de aula, precisando me esforçar fortemente para resgatar a fala do professor e o tema daquele dia. Também, quem já chega fisicamente cansado ou vai por obrigação, sem um vínculo com a vontade, dificilmente mantém seu foco na aula. O corpo está presente na escola, o menino não é um dado para a evasão; mas não tem interesse, não se envolve. Mais à frente, pode ficar infrequente e terminar abandonando a escola. A vontade é uma mola propulsora. Quando o sujeito tem, realmente, vontade de fazer alguma coisa, ele se empenha, coloca seu tempo, seu sentimento e seu potencial. A escola precisava ser estimuladora da vontade de todo mundo, esse sim, um grande desafio para além do registro da evasão. O nosso desempenho também estaria em cena porque, se entrássemos na escola de corpo e alma, o aprendizado seria conquista muito além dos conceitos que o sistema precisa pontuar. A preparação para as coisas da vida aparece com frequência nos projetos escolares, mas, às vezes, as coisas entram no modo automático e o cumprimento de ações predefinidas, de datas festivas, de semanas de prova, assumem papel importante na organização do tempo, do fazer pedagógico.

gico e da identidade da escola. E, como se está no modo automático, pode ser que os diferentes atores desse processo acreditem, realmente, que esse ciclo de ações do calendário escolar atenda a essa preparação para a vida, mesmo quando a rotina de quadro, giz e cadeiras enfileiradas ainda está associada ao cotidiano e se mantém tão resistente.

Em encontros semanais, nosso grupo conquistou um espaço, para compartilhamento das ideias que se desenvolviam em prol do projeto na escola. Muitas reflexões importantes, buscas por parcerias internas e externas, listas de materiais necessários para algumas oficinas, atualização das redes sociais da escola e dos murais, compartilhamento de novas propostas que estavam por vir. Sim, porque se havíamos mobilizado a comunidade escolar para a assembleia geral, não havia mais espaço para o silêncio, pelo contrário. Falar sobre os preparativos de novas dinâmicas, era valorizar e responder a quem participou. Além disso, Letícia, Gabi, Rafinha e João exploravam a divulgação com alegria e expectativa, para gerar interesse e curiosidade nos colegas. Eles achavam graça porque eram abordados pelos amigos, que queriam maiores detalhes sobre essas reuniões, além das sugestões que recebiam quase diariamente.

Eu vivi intensamente aqueles momentos. Minha cabeça passou a estar na escola, mesmo quando não estava nela; até me preocupava por acreditar que, após tudo se organizar, sentiria um certo vazio... Mas, na verdade, aquele movimento me ajudou na descoberta de tantas coisas sobre mim mesma... Mal podia acreditar que, em tão pouco tempo, uma pessoa pudesse encontrar respostas, mesmo sem perceber que precisava fazer perguntas. Eu não sabia. Certamente, estava com aquele piloto automático acionado também. Acho que milhares de nós vivemos assim. Talvez, lá no fundo, uma sutil lanterna indique que é preciso uma chacoalhada. Naquele ano, resolver voltar para a escola foi a decisão mais importante, a “chacoalhada” que eu precisava dar na minha vida.

Inspirada na pergunta que tanto fiz, quando buscava notícias sobre a ausência de Carlos, Clarice sugeriu que o nome do nosso projeto fosse: Cadê o menino que estava aqui?

O grupo aceitou e, agora, essa pergunta tinha um sentido novo. Significava a escola toda atenta à infrequência, à apatia, alerta para a prevenção da evasão. Carlos simbolizava cada aluno matriculado na nossa escola, e isso, de certa forma, me confortava. Realmente não tivemos mais notícias sobre ele. Ainda procuramos, mas, nada. Eu desconfio que ele tenha retornado para o lugar de onde veio, porque ninguém o conhecia por ali. Então deve ter vindo de outro bairro e, agora, mudou-se outra vez. Eram apenas suposições. Nosso projeto me dava a certeza de que não foi em vão ter demonstrado o incômodo que sua ausência me causou. *Cadê o menino que estava aqui* significava não mais colocar para debaixo do tapete, na nossa escola, um tema tão relevante e que fomos descobrindo ter ligação com outras questões importantes.

Nem tudo podemos mudar, isso é fato. Mas que não seja por indiferença, por descrença, por inatividade. Também não temos o controle de tudo, todavia, temos, em princípio, o controle sobre nós mesmos e nossas posturas são contagiantes. O desânimo contagia, o sorriso também. É preciso escolher atitudes que embasarão nossa vida e nos caracterizarão nesse mundo. Importar-se com o outro dizia muito sobre o projeto que fomos tecendo e sobre como fomos nos contagiando de empatia, ação, amizade, conhecimento. Teve quem não se identificasse. Acompanhei, nessa trajetória, professores saindo da escola, pais de alunos preocupados porque os meninos tinham menos páginas de livros de dever para casa e queriam cantar, ler poesias e até cozinhar, utilizando cascas de legumes e sobras de alimentos. É curioso como o fazer diferente gera insegurança e preocupação, mesmo quando é bom. Nesse processo alguns se abriram para entender e ouvir a proposta da escola. Criamos um grupo de divulgação e, até, um panfleto de apresentação, entregue e explicado durante a matrícula. Uma proposta pensada para o combate à evasão e que se tornou o alicerce do Projeto Político Pedagógico da escola. Mas isso, foi depois. Vivemos um passo de cada vez e a escola foi se transformando, aos poucos, a partir daquele ano.

...

## **EU, PLANETA**

O PEJA compôs uma equipe de ação externa, com alunos já aposentados que tinham algum tempo ocioso e habilidade para oferecer uma conversa gostosa, com carinho e olho no olho. Foi uma valorização para esse público, investindo na sua autoestima e oferecendo espaço e trabalho significativo. Alunos ausentes, sem sucesso no alcance através do contato telefônico, tinham seus casos encaminhados para esse grupo, que se organizava em pares e por proximidade com seus próprios endereços, partindo para a visitação, levando sempre um carinho, uma mensagem de preocupação da escola, demonstrando que sua presença importava no grupo escolar.

Entre tantas visitas, teve um caso muito impactante. Seu João, pai da aluna Ana Paula, do sétimo ano, recebeu essa visita afetuosa. Pela quantidade de faltas da menina, já suspeitávamos do falecimento de sua mãe, que se encontrava muito doente. A visita confirmou a suspeita e encontrou um quadro muito triste; seu João, amado, deprimido, desempregado, prestes a desistir da própria vida. Ana Paula, sozinha, devastada pela morte da mãe e a apatia do pai, vagando pela rua no horário escolar, como se estivesse frequentando a escola normalmente. Ambos precisavam de ajuda. Outras instâncias foram acionadas e a família recebeu apoio, cesta básica, acompanhamento médico, amizade, oportunidade de serviço, tudo isso fruto da mobilização desse grupo de visitas. Aos poucos, pai e filha foram se reerguendo, acomodando no coração a dor do luto, construindo uma nova rotina.

E por falar em nova rotina, a professora Rafaela estava com outro olhar. Suas aulas de matemática movimentavam o interesse de todos os alunos e até alguns professores queriam participar da oficina sobre investimentos. Abordando problemas baseados em casos reais, Rafaela apresentava vídeos, diferentes orçamentos familiares, ensinava sobre o registro de controle de gastos em planilhas e sobre como fazer o dinheirinho render, o que era bastante atrativo. Ali, cálculos envolvendo decimais, porcentagem, metas a alcançar, como economizar, como não cair nas garras do excesso do uso do cartão de crédito, tudo isso e muito mais, transformou as aulas de matemática e, mesmo quem chegava cansado, tinha vontade de participar porque fazia sentido. Era matemática, planejamento de metas para a vida, organização de prioridades, vontade de crescer.

A parceria com a Multirio, através da oficina de produção de animações, aumentou consideravelmente a frequência na escola nas sextas-feiras, quando também passou a acontecer a oficina de dança contemporânea, com o professor Marcos, de história. Ninguém podia imaginar que o professor Marcos fosse dançarino formado! Através da dança, ele desenvolvia seu conteúdo em rodas de conversa no auditório, sempre puxando alguma dinâmica que envolvesse o corpo, o movimento e sua trajetória, no contexto histórico. Foi muito legal e precursor vê-lo servir de motivação para outros meninos dançarem também.

Movimento e vida, valorização de alunos e professores, trabalho compartilhado, direção transparente, melhora na argumentação e nas relações interpessoais, aumento do desempenho da escola, queda brusca dos casos de infrequência, de abandono, de evasão escolar. Aumento na procura por matrícula na nossa escola, valorização da qualidade do trabalho ali realizado, compartilhamento do caminho percorrido com outras unidades escolares, caminho esse, único e intransferível, que mostra que é preciso iniciar esse movimento, mas mostra, também, que é um movimento muito particular porque cada escola é um universo com suas forças, suas estrelas, seus meteoros e buracos negros. Se uma escola não percebe o brilho das estrelas que surgem e das que se apagam, o potencial dos meteoros que passam, os buracos negros onde tantas coisas se entulham ou se perdem, ninguém mais fará isso por ela.

Eu me descobri planeta nesse universo. Descobri movimentos que não podia parar mais dentro de mim. Após os filhos crescidos, com suas vidas organizadas e enchendo minha casa de alegria nos almoços de fim de semana, percebi que queria mais e achei que voltar aos estudos poderia me ajudar. Eu estava certa. A escola é a instituição mais poderosa que existe, até mesmo quando ela não sabe disso. Hoje, onze anos passados, tenho muito a agradecer à minha escola querida e tudo o que vivenciei ali. O projeto transformou o perfil da escola, que hoje é referência em educação e já foi premiada em diferentes instâncias. Atualmente, com o projeto *Lugar de SER*, as oficinas atingem a maior parte

do tempo útil dentro da escola, com atualizações de acordo com necessidades, interesses e possibilidades de atuação. Esse ano, soube por Rafaela, atual diretora, que a oficina de robótica é uma das favoritas da garotada. O espaço da *sala de aula invertida* é muito atrativo e foi decorado na oficina de grafismo. No debate sobre *fake news*, o tema *bullying* ganhou destaque e, a partir daí, a escola percebeu a necessidade de um espaço para se trabalhar as emoções que são camufladas, ou com que não se sabe lidar, tais como inveja, medo, ciúmes, raiva. Rafaela me falou, com muita animação, que essa oficina ainda está em gestação. O que mais me emocionou, dessa nossa última conversa, foi saber que Letícia, hoje professora formada em Educação Física, passou no concurso municipal e se apresentou em nossa escola para trabalhar.

Em fase de finalização da graduação em Pedagogia, com projeto baseado na evasão escolar, me preparo para o mestrado. Ministro cursos em alimentação saudável, após me encantar pela proposta de receitas saudáveis e econômicas, que aprendi durante oficinas sobre alimentação saudável na nossa escola. Clarice se aposentou e comprou uma casa, na rua da escola. Essa semana conversamos sobre os primeiros passos para uma nova parceria. A ideia é transformar essa casa em um espaço de trabalho voluntário, com aulas de dança, de inglês e reforço escolar. A gente se olhou e deu arrepio. Sabemos que essas ideias podem se transformar em algo intergaláctico, porque nós somos planetas, e sabemos a força que a incrível e potente fábrica dos pensamentos têm.

Eu sou Maria Helena, tenho sessenta anos e uma vida inteira pela frente. Se os passos não são mais tão ágeis, o coração transborda de vontade de ser feliz e o pensamento me move e me conecta com outros corações, que se movem dessa forma também. Não foram os tempos vividos na escola, que me trouxeram até aqui. Foi mais sobre a forma como aproveitamos e vivemos esse tempo, na escola... Na vida!

Você já se percebeu planeta? Você já se percebeu? Sua rotina inspira almas, ou o piloto automático ainda está no controle? Encontre a lanterna que está acesa, aí dentro de você. Encontre essa luzinha e faça-a brilhar ao redor.

# Entre...

WAGNER BATISTA PINHEIRO

---

Monografia Premiada



**NOME:**

**Wagner Batista Pinheiro**

**FORMAÇÃO:**

- ◇ Bacharelado (2004), Licenciatura (2006) e Mestrado em Artes Cênicas (2009) - UNIRIO
- ◇ Canto pela Escola de Música Villa Lobos - 1994/1998
- ◇ Técnica, de ator, pela escola de Teatro Martins Pena - 1996
- ◇ Circense pela Escola Nacional de Circo - 1993/1996

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DOCENTE:**

- ◇ Professor da escola de Teatro Martins Pena - 2008 a 2011
- ◇ Participou do Projeto Teatro na Prisão: Uma Experiência Pedagógica Rumo a Cidadania por 10 anos, através do departamento de Extensão da Unirio, em parceria com o Departamento de Assuntos do Sistema Penitenciário (DESIPE), no antigo Complexo Frei Caneca e, posteriormente, em Bangu – 2001 a 2011
- ◇ Adaptou para o teatro o romance de Ferenc Molnár “Os Meninos da Rua Paulo”, espetáculo que dirigiu e onde também atuou, juntamente com os alunos da Escola Minas Gerais - 2006
- ◇ Dirigiu o espetáculo baseado no texto de Bertolt Brecht “Aquele Que Diz Sim e Aquele Que Diz Não” – 2004
- ◇ Coordenou, junto a Teresa Pamplona e em parceria com a EM Minas Gerais, os projetos “Jogos Dramáticos” na Biblioteca Infante-Juvenil/UNIRIO e “Paixão de Ler” do município do Rio de Janeiro – 2004
- ◇ Atualmente é professor do Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (GENTE) EM André Urani, no qual atua desde a sua fundação, em 2012

Aqui onde moro não tem muito espaço. Tudo é pequeno e pouco. Não entendo o porquê do tamanho das coisas, tampouco a ausência de tudo. Falta comida, falta água, aliás, já é normal ficarmos sem água quase todo dia; a luz e o gás, nós temos, mas é porque meu pai conhece um cara que conhece outro cara que trabalha para 'os homens' que trazem energia e gás para todos, mas que cobra, todo mês, uma taxa. Faltam roupas, sapatos, livros. Aqui quase ninguém lê. Meu pai trabalha fora todos os dias, minha mãe, de vez em quando, consegue uns bicos de faxineira em casas ricas das famílias que moram de frente para o mar. Meu irmão mais novo morreu recentemente de uma doença que está matando todo mundo. Falta saúde, também, todo dia morre gente aqui que nunca morreu. Depois que meu irmãozinho se foi, a tristeza grande ocupa nossa pequena casa. Minha mãe chora todos os dias e meu pai evita ficar em casa, assim evita também ter de conversar com a gente, por isso, ele dorme no trabalho. O diálogo é pouco, quase nada, quase nunca. Quando se fala, ouve-se apenas imperativos e monossílabos, às vezes, umas palavras a mais, mas é raro quando isso acontece. "Oi. *Dói? Onde? Aqui? Ai. É... Não? Vai. Agora? Sim*". A gente escuta e sente essas coisas sem saber mais o porquê. Às vezes, acho que não existo. E, no fundo, sinto-me esquecido. Não tenho como sumir por aí pois, além de eu ser pequeno, não trabalho e não tenho dinheiro.

A nossa casa, como já disse, é muito pequena, quase sem quintal, aliás, existe apenas um minúsculo espaço para o tanque onde minha mãe lava nossas roupas e as das pessoas que pagam a ela por esse serviço. Tudo que recebo ali são ordens o tempo todo, nem posso ficar na janela olhando para fora, mirando o mar, as ilhotas, os barcos, as nuvens e os pássaros, que minha mãe já grita para eu caçar de fazer alguma coisa útil. Então, pego o meu caderno, o livro e tento fazer as tarefas que o professor passou para a turma. Mas, olho, olho e olho e não vejo nada nas palavras que leio do livro emprestado, nem as que escrevi no caderno. Desisto, sinto-me numa cegueira enorme, sem tato, sem cheiro, sem gosto, sem tudo. Dá uma vontade de não existir, de não ter nascido, de não ser nada.

Acordo cedo todos os dias e vou para a escola. Lá tem café da manhã, tem almoço, tem água, alguns amigos, ar condicionado, quadra de futebol, piscina e o professor, que é fechamento, todo mundo gosta dele. Gosto desse momento quando estou fora de casa porque esqueço da realidade. Lá na escola sinto que posso sonhar. Mas, quando retorno para casa, é como se uma pedra enorme estivesse me esperando, para carregá-la até o alto de uma montanha. Na verdade, essa pedra está sempre comigo, tanto indo para escola, quanto voltando para casa; às vezes, me esqueço dela, outras vezes, ela é mais pesada do que parece ser.

Chego em casa e coloco minha mochila na cadeira ao lado da cama que serve de criado mudo. Minha mãe nem fala comigo direito, não pergunta como foi o meu dia na escola, o que aconteceu, o que aprendi, nada. É sempre o mesmo vazio. Entre a casa e a escola há sempre um vazio e um cheio.

Cheio de ordens para mim. Ela não faz isso por mal, é porque ela está muito ocupada com o trabalho e precisa entregar as roupas limpas para as madames. Meu pai não voltou para casa já faz sete dias. Há sete dias que meu irmão mais novo partiu. Teve missa, o padre falou coisas sobre o mistério da vida e da morte, dizendo que tudo estava escrito pela mão divina — desconfiei. Isso não ajuda muito... aliás, a ausência de meu pai só aumenta a preocupação de minha mãe, que precisa resolver todos os problemas domésticos e não-domésticos. Sem dizer nada, entendia que precisava cooperar em casa para aliviar o peso do dia a dia e tinha que aprender a administrar os afazeres da escola e da minha casa, se quiser continuar estudando.

— Mãe, cadê o pai?

— Não sei — respondeu, sem deixar de recolher a roupa do varal.

— Será que aconteceu alguma coisa com ele?

— Como é que vou saber?

— Já ligou para o trabalho dele?

— Não.

— Vai ligar?

— Com que telefone, menino? Esqueceu que fui roubada? Você pode me dar um telefone de presente? Não, não é? Então deixa de prosa e leva essa roupa para dentro, dobra e deixa em cima da cama.

— Pode ligar a cobrar do orelhão, ou pedir emprestado o da vizinha.

— Faz logo o seu serviço, menino e para de encher com essa prosa.

Peguei as roupas e as levei para dentro. Coloquei sobre a cama e olhei os sapatos velhos do meu pai ali, debaixo da cama. Ele sempre os usa para participar de alguma cerimônia importante, um batismo, um aniversário, ou um casamento. Deu uma saudade do velho, do seu jeito de ser, dos seus olhos tristes, silenciosos e sonhadores, da sua mão calejada e, às vezes, carinhosa, que resolvi calçar seus sapatos e andar pela casa. Minha mãe, quando me viu pegando o restante das roupas no quintal com aqueles sapatos grandes nos meus pés, de short e pernas finas, deu uma risada, tão alto, que levei um susto.

— Que foi, mãe?

— Nada, é que você está tão...

— Pode falar, mãe.

Às vezes, a gente escuta o que o silêncio diz, sem querer, numa linguagem que todo mundo entende e que não precisa de tradução.

— Tire isso, menino, que coisa mais... Olhe aqui, tome esse dinheiro. Vai comprar pão e leite, pra gente fazer um lanchinho.

A alegria, por um momento, enche nossos corações, que a gente até esquece dos problemas. Saí correndo para a padaria, cantarolando a música que os professores do coral da escola ensinaram pra turma hoje:

Todo o dia o sol levanta e a gente canta ao sol de todo dia  
Finda tarde a Terra cora e a gente chora porque é finda tarde  
Quando a noite a lua mansa e a gente dança venerando a noite.  
(Caetano Veloso)

Quando voltei, minha mãe já não estava mais em casa. A vizinha disse que ela teve de ir com urgência ao hospital para resolver um problema e que eu deveria ficar com ela até minha mãe voltar. Senti que o problema era com meu pai. Talvez fosse a hora e a vez dele — pensei. Todo mundo tem seu momento certo para chegar e partir. A hora de cada um sempre há de chegar. Respirei fundo com os olhos marejados, cheio de tudo que dói na alma da gente, mas não quis falar nada.

Ao contrário de minha casa, a escola era grande e espaçosa, bem colorida e com frases que motivavam a gente a estudar. As minhas preferidas eram, "*Não tenhamos pressa, mas não percam tempo*" de Saramago, "*Seja a mudança que você quer ver no mundo*" do Dalai Lama, "*O cérebro humano é como um guarda-chuva: funciona melhor quando aberto*" de Walter Gropius, "*Cada sonho que você deixa para trás é um pedaço do seu futuro que deixa de existir*" de Steve Jobs e "*Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova*" de Ghandi.

Os colegas chegavam, trocavam ideias, se cumprimentavam e ficavam no pátio esperando o sinal tocar. Como a nossa escola fica bem no alto da montanha, de lá a gente podia mirar a paisagem da cidade. Dava para ver as costas do Cristo, a lagoa que fazia um reflexo prateado bonito com a luz do sol, o Pão de Açúcar lá longe, as montanhas verdes que cercavam e margeavam toda a nossa visão e o mar infinito com sua linha horizontal no fim de tudo. Eu me perguntava como seria o lado do outro lado. Dava para sentir uma paz interior, como um rio-rio-rio calmo, fundo, constante e silencioso da margem de lá.

O sinal tocou. Todos subimos para a aula. O professor é muito engraçado, qualquer palavra que a gente diz, ele começa a inventar uma música, rima os substantivos, os verbos e adjetivos, brinca com os pronomes retos e oblíquos e faz todo mundo se sentir bem. Ele chega sempre cantando, ou falando alguma poesia, cumprimentando cada um e, na maioria das vezes, dá um abraço em cada um de nós. Às vezes, é o único abraço que recebo. É um calor humano que, fundamentalmente, esquentava a alma da gente.

— Carlos!

— Presente.

— José...

— Pre....sen....te!

— Maria Júlia.

— Presente, professor.

— Paulo.

— ...aqui.

— César...

— Oi.

— Mário...

— fessor!

— Bianca.

— Presente.

— Kelli...Rosana...

— Presentes!

— Pedro.

— Faltou, professor — disse o Carlos.

— Ele está faltando muito. O que está acontecendo com o Pedro? Alguém sabe me dizer o que está acontecendo com ele?

— Professor, não sei não, mas acho que ele está em casa ajudando a mãe dele — continuou o Carlos, que sempre respondia às perguntas de qualquer um. Ele era o "sabe tudo" do grupo.

— Mas será que ele não poderia ajudá-la depois da aula? - Questionou o professor.

— *Necessidade*, professor. Ele vive só com a mãe agora, o pai morreu e ele tem que ajudar em casa - afirmou o Carlos.

— Professor, parece que há muitos como o Pedro nessa situação, não é só ele não; minha mãe me contou que há muitos Pedros deixando de vir para a escola. Sabe como é que é... entre a escola e a casa... é como entre a vida e a morte... e quem fala mais alto é a *necessidade* que bate na porta de toda gente. Por isso, professor, nós temos que tomar uma decisão, fazer uma escolha difícil — disse Maria Júlia.

— Entendo, a cidade está passando por um momento muito difícil. Há uma doença que está grassando por toda a sociedade e levando muitos de nós a desistir da escola. Tudo isso é muito grave. É preciso fazer alguma coisa.

Hoje o professor escreveu na lousa branca três perguntas para a gente pensar, discutir e, depois, criar um projeto, que poderia ser individual ou em grupo, mas que tinha que apresentar solução para uma *necessidade*. A primeira pergunta era: "*Qual é o melhor momento para fazer as coisas?*". Quando lemos aquele questionamento, houve um pequeno silêncio na turma, porém, o engraçadinho do César dizia "*é quando a gente está com fome*". O César era o ingênuo da turma, amigo de todo mundo, que só pensava em comer. Já o José, o preguiçoso, até para responder "presente" falava tão devagar que dava sono, dizia que era "*quando terminava a aula*" e a Maria Júlia, por ser a mais humilde e inteligente da turma, era a que organizava os alunos para criar ações propositivas na escola; ela era, também, a presidente do grêmio e membro da Sociedade da Companhia de Letrinhas da sala de leitura e respondeu que era "*quando temos alguma necessidade*".

Todo mundo parou de fazer o que estava fazendo por causa do que ela disse. Aí, o professor falou que, a partir da *necessidade*, todos deveriam escrever uma redação, ou uma carta, conto, crônica, ou projeto para a próxima aula. A produção de texto deveria apresentar uma tese, ou seja, uma questão que deveria ser resolvida. Apontar pontos positivos e negativos sobre a questão e, por fim, uma conclusão que poderia ser fechada em si mesma ou não, mas, sobretudo, que deveria ser uma conclusão propositiva, ou seja, que oferecesse uma possível solução do problema. Mais tarde ele apresentaria para nós as outras duas perguntas. Ninguém sentia a hora passar nas aulas dele. Era como se o tempo passasse como um rio que atravessa devagar, banhando tudo que encontra no caminho.

Estava no ponto de ônibus com o pensamento na pergunta de hoje, "*Qual é o melhor momento para fazer as coisas?*" Pensei e dispensei esse pensamento várias vezes. Recordei, lembrei e reelaborei. Lembrei-me de meu pai, recordei-me de meu irmão e, claro, também repensei em minha mãe, que dormiu no hospital ontem. Normalmente, é muito difícil pegar o ônibus antes e depois da escola, os motoristas muitas vezes não param para nós, exceto o Sr. Bigode que era um motorista legal com todos os estudantes, ele sempre parava para nós. Mais tarde, descobri que ele era o pai do César. Ultimamente, os motoristas parecem enormes dragões cheios de fúria que, toda vez que veem alunos uniformizados no ponto de ônibus, passam reto feito fogo-louco querendo queimar todo mundo e, muitas vezes, dá para ver os risinhos debochados, não só dos passageiros em geral, mas de alguns colegas da turma, menos o José, que tinha preguiça até de rir. O Paulo, o César, o Mário, a Bianca, a Kelli e a Rosana, que conseguiam embarcar no ponto anterior ao nosso, sempre riem de quem não consegue embarcar no ônibus. O Carlos não se misturava tanto porque os pais dele o buscavam todos os dias na porta da escola. Para essas coisas eu nem ligo mais, isso já é normal.

Decidi voltar a pé. A volta, para quem está em algum transporte, é difícil porque é um trânsito terrível, exceto para quem está de bicicleta. Pelo menos não tenho que subir o morro, é só descida. A descida é mais leve, a gente não sente o peso da mochila e a sensação é de estar voando sobre a cidade. A descida é um momento necessário e de descanso, dá para pensar e imaginar sonhos. Nas ruas, as pessoas estão o tempo todo disputando espaços para vender suas mercadorias, motos sobem e descem numa velocidade de redemoinho, disputando os espaços com as vans, ônibus e caminhões. Mas, no caminho, vi que houve um acidente na curva do Corvo — parece que o ônibus perdeu o freio e invadiu uma oficina mecânica. Que ironia, era o mesmo ônibus dos nossos colegas debochados... ainda bem que ninguém se machucou. O César estava chorando, o Paulo, rindo sem parar, o José parecia indiferente, o Mário, tentando ligar para sua mãe e Bianca e Kelli, as gêmeas, permaneciam abraçadas uma na outra. Eu poderia me vingar rindo deles, mas preferi ignorá-los.

O barulho ali era infernal e, no fundo, a gente parece que passa entre os sons e as pessoas, mas ninguém vê ninguém — acho que somos invisíveis. A gente só percebe que existe quando compra alguma coisa. É o dinheiro que existe e não a gente e, mesmo assim, a gente toda sente que existe uma indiferença entre todos, em geral. Mas, só com as pessoas, não com o dinheiro. Acho que a gente se acostuma com isso para não adoecer... É tanto barulho, gritaria e vociferações que, aos poucos, durante a descida, desaparecem, como bolhas no ar. Já estou me habituando, porém não sei se é a *necessidade*, desconfio sempre, pois acho que a gente nunca se acostuma com nada disso, no entanto, parece que o dia-a-dia é um santo remédio que a gente toma para aprender a não se importar tanto com quem não se importa com a gente.

Acho que a cegueira começa, sem a gente perceber, a contagiar todo mundo, como se fosse uma doença invisível que se espalha por todos os cantos da vida ou, é a lucidez, uma visão sobre a cegueira que faz da gente diferentes dos outros, por perceber e ver melhor quem somos e para onde estamos indo. Nem sei, talvez as duas coisas, ao mesmo tempo, façam parte da existência, para se ser cego e guia neste mundo de travessias. E, aprender a ignorar o que não tem tanta importância é o momento certo para aprender a coisa certa a ser feita — pensei.

Segui descendo e nem sei se faz algum sentido isso tudo que pensei. Vamos tocando em frente, construindo a história de si para chegar em algum lugar, quem sabe. Entre olhar a cidade e a favela já sentia que havia diferenças enormes entre o claro e o escuro, o alto e o baixo, os pobres e os ricos, e limpeza e sujeira, por exemplo. A partir dessas diferenças, pensei, por que será que o Pedro não está mais indo para a escola? Será que essas diferenças são os motivos? É certo que a melhor coisa que ele pode fazer é não desistir e continuar lutando para conseguir estudar. Acho que estudar, hoje em dia, é viver uma experiência revolucionária que possibilita entender, tanto a situação geral, quanto a de cada um de nós e, quem sabe, transformar a própria vida. No entanto, a Maria Júlia falou uma verdade hoje na escola; ela sempre diz coisas interessantes, úteis e verdadeiras. A *necessidade* nos obriga a fazer escolhas entre uma coisa e outra, entre isso ou aquilo, embora, muitas vezes, não desejemos escolher; somos obrigados a tomar uma posição diante da vida, justamente porque não temos o direito de escolher, ou será que temos?

As frases da escola retornam à minha memória: "*Se queremos progredir não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova*" disse Ghandi. O que isso significa? Acho que estou entendendo, bem, não tenho tanta certeza, "*não repetir a mesma história (...)*". Por outro lado, toda vez que passo em frente à escola britânica, observo os carrões com os motoristas esperando os filhos dos donos para voltar para casa. Todas as crianças saem dali sorridentes, sem preocupações, sempre com um adulto perto para lhes segurar as mãos, acompanhadas e estimuladas a pensar, dialogar, viajar, escrever, dançar, rir e, sobretudo, estas crianças podem ser crianças e brincam enquanto ainda são crianças, ao contrário de Pedro, que nem sabe o que é ser criança, aliás, de todos os Pedros do mundo — já me sinto roubado. Pelo visto, a história de Pedro mudou, piorou. Ele tem, agora, que ficar em casa para ajudar sua mãe, quase como eu... a diferença entre nós é que ainda não desisti da escola. Lembrei que meu pai ainda está vivo e no hospital. Senti um medo terrível de perdê-lo, por isso, resolvi passar na casa do Pedro para conversar um pouco e falar da vida e dos sonhos com ele. A casa dele é um pouco parecida com a minha e as nossas *necessidades* são iguais em tudo. Parece que somos irmãos na dor, na falta e na fome. A casa dele se resume a dois cômodos, sala e banheiro, duas portas e duas janelas.

Bati na porta e esperei um pouco para ver se alguém aparecia. Enquanto esperava, me sentei ao pé do último degrau feito de terra, madeira e pedra, que começava na calçada e que se prolongava por mais três degraus até à porta. Fiquei ali. Fiquei brincando, jogando as folhas secas na água suja que passa rente ao meio fio da calçada. Jogava de duas em duas, imaginando uma corrida de barcos. As folhas desciam deslizando a corrente do rio sem fazer resistência alguma, adaptando-se a cada obstáculo que surgia. Acho que a vida da gente deve de ser assim também. Temos que nos adaptar a cada nova situação e, para cada nova situação, ter uma forma diferente de pensar. Na janela surgiu uma cabeça lisa, branca e uns olhos tristes, sem vontade de ver.

— Quem é?

— Oi Pedro, sou eu.

— O que você quer?

— Vim falar com você sobre o que está acontecendo na escola — respondi.

Sumiu da janela. Demorou ainda um pouco. Foi o tempo de jogar mais duas folhas mas, desta vez, coloquei alguns tripulantes para ficar mais emocionante. Peguei algumas formigas e as embarquei na aventura rio abaixo. A porta abriu devagar. Pedro, embora mais velho do que eu, era um menino bem pequeno, mais magro, pálido, melancólico e de cabeça raspada, pois ele tinha tido piolho. Sentou-se ao meu lado, tossindo e ali ficamos sob o fim do sol da tarde.

— Como é que você está? — perguntei.

— Levando.

— Sua mãe está em casa?

— Sim.

— Ela está bem?

— Não sai da cama.

— Ela também está doente? Será que é a mesma doença que levou o seu pai e o meu irmão?

— Não sei — abaixou a cabeça, soluçou um pouco. Choramos.

— Acho que meu irmãozinho morreu da mesma doença.

— E lá na escola como está? — Perguntou Pedro.

— Tudo bem, lá é melhor do que a minha casa.

— É melhor do que a minha, também.

— Do que as nossas!

Rimos numa fração de segundo. Olhávamos distante para qualquer lugar, mas sem nos fixarmos em nenhuma paisagem. Olhávamos fundo mesmo, para a paisagem da nossa conversa. Sabíamos da dificuldade extrema, sem ter muito o que e como fazer para mudar essa realidade.

— Você vai voltar para a escola?

— Tenho que ajudar minha mãe.

— Hoje o professor perguntou porque você está faltando tanto...

— E o que você disse?

— Foi o Carlos quem disse que seu pai morreu e sua mãe está doente.

— É. O que você está aprendendo lá na escola?

— Sinceramente não sei, às vezes acho que tudo aquilo não serve para nada. Sinto que a realidade de lá não é igual a realidade daqui, outras vezes, é o contrário. O professor é fechamento. Ele sempre faz a gente pensar o porquê das coisas, às vezes, acho que ele dá aula de tudo um pouco porque, quando ele canta e rima com as palavras, parece que ele está dando aula de português, de música e poesia, outras vezes, acho que ele nos ensina história e geografia mas, na verdade, ele é como um ator, sabe, fazendo vários personagens, parece que, às vezes, é um rei tirano, depois um escravo, um vilão e um herói. Ele ensina mesmo a gente a pensar. Sei lá, sinto que apesar de tudo, lá é um lugar importante para nós. Entende? Hoje o professor disse que colocaria três perguntas na lousa branca pra gente refletir, mas acabou sendo só uma e que fez todo mundo refletir.

— Fez o quê?

— Pensar.

— É?

— Sim.

— Qual foi?

Peguei um galho seco que estava ali no chão, rente ao meio fio, com uma parte seca e outra molhada, por onde as formigas conseguiram escapar enquanto as folhas permaneceram presas nele, e tentei escrever na terra. É difícil escrever, mas aquela frase "*Qual é o melhor momento para fazer as coisas?*"

passou a fazer tanto sentido para mim, que entendia, aos poucos, que sentir e pensar não são atividades separadas, ao contrário, estão juntas. E, não só aquelas palavras, mas todas as palavras passaram a ser minhas pernas, pulmões, mãos, pele, dedos, olhos, cabeça, sangue, ossos, músculos, lágrimas, coração e futuro.

Mas, Pedro não conseguia ler. Ele tinha a mesma ou até mais dificuldade com as palavras do que eu, não conectava uma sílaba na outra, as vogais e as consoantes eram o mesmo rio sem margens, uma coisa só, transbordante, gaguejava muito, quase desistia e, quando conseguia, não se lembrava do começo da palavra da frase toda. A palavra não existia para ele, era como pedra.

— Sei lá, a gente começa a ler mas, quando a gente chega no fim, esquecemos o começo.

— Eu também me sinto assim, às vezes.

— Não entendi nada da frase. O que ela quer dizer?

— Talvez não seja o momento certo ainda?

— Momento certo de quê?

— De fazer as coisas?

— Que coisas?

— Por exemplo, de desistir de ir à escola.

A conversa fluiu bem. Apontei pra ele todos os lados positivos da escola. Disse que lá a gente podia comer, brincar, correr, aprender a conviver, a conhecer, a fazer e a ser. Que podíamos fazer uma história diferente da história que nossos pais fizeram. Lá, a gente tem tempo para pensar e sentir, desejar e sonhar, construir o nosso projeto de vida. Depois, ensinei para ele a música que aprendemos no coral e cantamos, rimos um pouco mais e até esquecemos, por um certo tempo, da dura realidade que vivemos.

A gente ficou ali sem perceber o tempo passar. Brincamos com as folhas na água. Conte para ele que a turma amanhã iria se juntar para conversar sobre essa primeira frase que o professor passou.

— A Maria Júlia, a presidente do Grêmio, convidou todos para participar da assembleia na sala de leitura, onde ela era também membro da Companhia de Letrinhas. Ela disse que queria apresentar um projeto para a turma e disse que era muito importante que todos fossem, inclusive você.

Pedro ficou em dúvida. Era como se, naquele momento, ele estivesse se sentindo importante, vivo. Olhou de soslaio para sua casa como quem lembra que teria deveres mais importantes do que ir

à escola, naquele momento. Levantou-se para entrar e disse que iria pensar sobre o assunto. Acenou um tchau com a mão. Entrou, fechou a porta.

Eu fiquei por ali um pouquinho mais, nem sei bem o porquê, mas senti que a cabeça da gente é como um guarda-chuva que funciona cada vez melhor quanto mais o abrimos. Lembrei da frase "*O cérebro humano é como um guarda-chuva: funciona melhor quando aberto*". Eu quis ficar olhando sua casinha velha, pequena, de madeira e lata sobre um chão de terra batida, velha e triste, tal como a minha, mas a minha era de tijolos e cimento. Diferentes, embora tivessem quase o mesmo tamanho. Ele nunca me convidou para entrar, nem eu nunca o convidei para entrar na minha casa. A única casa que a gente compartilhava juntos era a escola.

"*Seja você mesmo a mudança que deseja ver no mundo*" - disse isso ao meu pai - a frase do muro da escola. Ele estava em casa, de cama, se recuperando de uma parada cardíaca que teve no trabalho. O médico disse à minha mãe que ele tinha que tomar cuidado pois estava muito fraco, que ele tinha que mudar os seus maus hábitos. O velho era osso duro. Não se importava muito com o que os outros diziam. Acho que ele pensava que era uma espécie de ser humano invencível e que jamais iria tombar. Mas, desta vez, ele parecia diferente. Ele ficou me olhando de um jeito não habitual. Estava mais próximo do que normalmente era. Queria me dizer algo importante, mas não encontrava as palavras. Acho que a frase que disse a ele fez algum efeito. Minha mãe tinha saído para entregar as roupas limpas e fazer uma faxina na casa de uma madame, por isso voltaria mais tarde naquele dia.

— Oi?

— Oi.

— Onde dói?

— Aqui.

— Aqui?

— Aí. É.

— Escutou o que o médico disse?

— humhum...

— E agora, José?

— Agora o quê, menino?

— Terá que mudar os seus maus hábitos, pai. Parar de fumar, de beber, passar a comer comida mais saudável, caminhar, nadar ou andar de bicicleta... Mudar essas coisas, fazer as coisas certas. Tudo precisa ser diferente a partir de agora, pai. Entendeu, sr. José?

— Sim.

— O que achou da frase que eu disse?

— Como é mesmo a frase?

— *"Seja a mudança que você quer ver no mundo"*.

— Boa.

— Pai, o senhor acha que é possível fazer uma história diferente?

— Acho.

— Como?

— É... não sei explicar, meu filho.

— Pai, o senhor estudou quando era criança?

— Sim.

— O senhor tinha apelido na escola?

— Me chamavam de Zezinho, por causa do meu nome ser José.

— E como era a sua escola?

O pai fechou os olhos. Seu semblante viajava no tempo, como quem busca uma imagem qualquer em suas lembranças. Parecia tão calmo, tão sereno e decidido. E sua respiração profunda era como um mergulho para dentro de uma paisagem só sua e que vinha devagar, de longe, de certa forma, de um além, deslizando entre os arbustos da água da memória de uma terceira margem do rio. Eu não disse nada, apenas fiquei ali perto dele. Esperando. Ele não me tocava, nem eu o tocava. Mas, havia um tato diferente no nosso jeito de existir. Acho que ele era o meu chão e eu era uma espécie de cactos naquela terra, aprendendo a viver na secura afetiva da família. Quando ele abriu os olhos e começou a falar com uma voz mais grave e calma, descreveu uma escola da qual não se lembrava há muito tempo. Dizia que sua escola não era muito grande, na verdade, tinha apenas uma grande sala para os alunos.

— A professora era a Dona Maria Cristina, que ensinava a gente a ler e escrever através da música, e, através das canções, nos mostrava as dificuldades de plantar naquela terra e ensinava para a gente as mudanças das estações do ano. Era legal porque a gente entendia a palavra terra, porque todos ali trabalhavam com a terra e, dali, o nome das plantações, do período de plantar, do tempo de cada coisa, da sementeira e da colheita. Ninguém faltava à escola. Todos gostavam da dona Maria Cristina porque ela levava a gente para caminhar e passear nos campos, ajudava a gente a ver a terra, o tempo e a água. Ela era muito carinhosa com todo mundo. A gente aprendia o porquê das coisas, a gente sabia o porquê da dificuldade de semear na terra, sabia que faltava água na região e que as sementes precisavam de cuidados. Ela ensinava a gente a ver o problema das coisas, a entender a situação e, por isso, podíamos apresentar algumas soluções. Dava para a gente escrever toda aquela paisagem porque nós éramos a paisagem já escrita. Quando ela pedia para a gente inventar e escrever uma história qualquer, nós sabíamos que escreveríamos uma história que tinha sentido com a nossa vida porque as palavras que aprendemos a ler e escrever, nós as conhecíamos do nosso dia-a-dia. A escola era um lugar incrível. Lá a gente ficava o dia inteiro e nem percebia as horas passarem. Houve uma vez em que ela sugeriu que nós fizéssemos um teatro sobre os nossos pais. A ideia era entender a árvore da família, de onde viemos e para onde vamos. Assim, aos poucos, a gente entendia mais sobre a nossa própria história. Lembro que a gente construiu um barco com os restos de material de construção que ficavam atrás da escola. Fizemos um barco enorme para atravessar o mar. Cada um fez um personagem, lembro que eu era o marinheiro que gritava "*terra à vista*". Eram os nossos pais vindo do outro lado do oceano para trabalhar nessa terra. Ela contou que uma família fugia de um homem tirano que queria mandar em todo mundo. Dizia que ele havia bloqueado os mares do continente e que iria matar todos os traidores daquela terra.

Eu já tinha ouvido falar disso na escola. O professor falou sobre a fuga da família real portuguesa, a revolução francesa e a luta do povo por liberdade, igualdade e fraternidade. Os olhos de meu pai estavam em outro lugar dentro dele e comigo, tão longe e perto de mim, agora. Eu nunca tinha visto ele assim, nem sabia que ele tinha tido uma experiência tão incrível na escola em sua época de infância. Naquele momento pude me ver nele e acho que ele também se via em mim. Como pode algo permanecer tão vivo nele, como essas lembranças da Dona Maria Cristina e da escola? Sem perceber, as nossas mãos estavam juntas, como se estivessem abraçadas. Ele olhou para mim fundo, deixou um sorriso gostoso surgir na sua face e que, também, surgiu na minha, como num espelho nosso.

— O seu tataravô começou a nossa história assim. Mas, ele obrigou o seu avô, meu pai, a trabalhar e deixar de ir à escola por *necessidade*. Então, o seu avô repetiu isso comigo e, mesmo tendo se esforçado para ser diferente, não conseguiu, é muito difícil mudar.

— Sim, entendo, mas não é impossível. É preciso começar.

— Será que eu estou repetindo, com você, o que o seu avô fez comigo, filho?

— Talvez.

— É... talvez, mas agora percebo que, se eu não mudar essa história, você será igualzinho a todos nós.

— Sim, uma repetição da história.

— Não, isso eu não quero, não.

— Eu também não, pai.

— Acho que estou entendendo aquela sua frase, meu filho.

— É, eu também!

— Depois de um certo tempo eu tive que parar de estudar, assim como o seu tataravô, depois, o seu avô, sempre por *necessidade*. Era a escola ou o trabalho, era viver ou morrer, entende? Foi por *necessidade*. Será que alguma coisa mudou hoje em dia? Veja, acho que, ainda hoje, não fomos muito longe. Na nossa família, não temos ninguém que se formou em nada, nem em algo que sonha. Nunca foi meu sonho ser o que sou hoje. Estou entendendo... a frase... que é preciso haver mudança em mim, se desejo que o mundo seja diferente.

— De não repetir a mesma história, sim, é isso mesmo, pai.

— Então preste muita atenção. A partir de agora, uma nova história começará para mim e para você. Você tem e terá a oportunidade que eu não pude ter na vida para ser a diferença que deseja para o mundo.

— Começando a mudança em nós?

— Sim.

Ficamos ali na cama, pela primeira vez, que eu me lembro. Porque isso nunca tinha acontecido, de falar de coisas da infância dele até minha mãe chegar em casa. Ela preparou uma de canja de galinha deliciosa e tomamos juntos. Parecia que eu estava conhecendo meu pai, de verdade. Ele falava de coisas da vida dele que eu sentia e pensava, mas que, de alguma forma, se repetia na minha vida. Talvez eu não quisesse aquela repetição da história dele na minha vida mas, de verdade, eu queria mesmo uma outra história — por exemplo, eu não queria ter que deixar de estudar por *necessidade* por ter que trabalhar e ajudar em casa. Eu queria mesmo ter a *necessidade* de estudar e, assim, ajudar em casa.

— Pai.

— Sim, filho.

— Eu não quero parar de estudar.

— Isso não vai acontecer. As coisas, agora, serão diferentes, meu filho.

— É porque o senhor está doente e a mãe está tendo que trabalhar dobrado para conseguir cuidar da casa. A mãe do Pedro está doente e o pai dele morreu. Agora ele não está mais indo para escola...

Comecei a juntar as histórias como se todas as histórias fossem a minha. Sentia o peso da pedra nas minhas costas e não sabia se aguentaria a jornada de todos os dias, subir e descer o morro entre a escola e a nossa casa. O silêncio dos olhares marejados entre nós três traduzia-se em amor. Não sentíamos mais medo de falar do que sentíamos. Aquele dia foi um marco de mudança na nossa vida. Nada seria igual ao que tinha sido até ali. É como dizia aquela frase lá do muro da escola, "*Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo*"; aliás, aos poucos, as palavras estavam fazendo mais sentido para mim. Aquele cegueira que tinha com as palavras que, até então, sentia diante delas, dissipava-se gradativamente. Comecei a escrever a redação que o professor pediu, sobre a pergunta. Foi o meu primeiro dez. E fui convidado a fazer parte como membro da academia da Companhia de Letrinhas da sala de leitura de nossa escola.

Choveu a noite toda. Aqui no morro, ninguém dorme direito quando o tempo fica assim. Todo mundo fica nervoso e preocupado, querendo saber se todo mundo está bem. E, pelo visto, não houve nenhum acidente grave. Fui para o ponto de ônibus bem cedo, desta vez não esperei tanto, consegui pegar o primeiro ônibus que passou. Certamente porque era o senhor Bigode, o motorista que trata todo mundo bem. Encontrei com a Maria Júlia, que me cumprimentou e me parabenizou com um sorriso, por fazer parte agora da Companhia de Letrinhas da escola. Respondi da mesma maneira, porém de forma bem mais sem graça, pois não sabia muito bem como reagir. Sempre me sinto assim diante de alguém importante como ela.

Hoje o professor levou todo mundo para a sala de leitura, pois queria falar algo importante para todos. Estavam todos lá, o Carlos, o José, o Paulo, o César, o Mário, a Bianca, a Kelli, a Rosana, menos o Pedro. O professor voltou a falar sobre o aumento das faltas dos alunos na escola e disse que as ausências eram por causa da doença que está grassando pela cidade — é um problema de todos. Ele dizia que precisávamos tentar resolver esse problema de alguma forma, pois não poderíamos ficar de

braços cruzados. Lembrou a gente da primeira frase da aula passada e acrescentou a segunda, que dizia, "*Quem é mais importante?*" Desta vez ninguém fez nenhuma gracinha.

Todos estavam concentrados, pois cada um ali sabia da gravidade da situação e é provável, também, que cada um de nós tivesse uma história triste de perda de algum parente por causa da doença. O professor olhou devagar para todos e esperava, pacientemente, que alguém quisesse respondê-la. Levantei o braço para tentar dizer alguma coisa. O professor deu-me a palavra. Gaguejei um pouco, mas consegui dizer que nós devíamos propor uma *viagem pela comunidade* para descobrir a cura. Assim, poderíamos mapear toda a comunidade, apontando os locais mais atingidos pela doença e levantar, também, o número de vítimas contaminadas e fatais. Achei que, desta maneira, a gente estaria respondendo as duas questões que o professor colocou para nós. As gêmeas, felizes, bateram palmas, porém o Carlos perguntou:

— Como assim respondeu as duas questões?

A Maria Júlia interveio, rapidamente, afirmando que, realmente, eu tinha razão, as duas questões haviam sido respondidas, de alguma forma. O momento certo de fazer as coisas era *agora* e mais importantes somos *nós*, moradores da comunidade, atingidos por essa epidemia que está prejudicando as famílias e criando problemas muito sérios, como ocorre com o Pedro, por exemplo, que não está vindo à aula porque precisa ajudar sua mãe em casa.

Todos estavam sensibilizados com a situação e sentiram que poderiam mudar essa realidade.

O professor disse que a minha ideia era muito boa e estava em consonância com o projeto de Maria Júlia, mas, também, apresentava um certo risco. Mostrou-nos o perigo de andar pela comunidade e de sermos contaminados pela doença, mas que, por outro lado, se a gente ficasse parado e não fizéssemos nada, nada mudaria. Todavia, sugeriu que todos fizessem uma campanha na escola para comunicar, informar e mobilizar todos os alunos para este projeto de vida — *A viagem pela comunidade*. Todos ficaram muito animados. As gêmeas ficaram responsáveis pelos cartazes. O César e o Carlos passariam de sala em sala para falar sobre os objetivos do projeto. O Mário e a Rosana, por serem muito bons em criar sites na web, ficaram responsáveis por criar um canal interativo para conectar a escola e a comunidade. Eu e Maria Júlia éramos os organizadores. As gêmeas levantaram uma questão sobre conteúdo do cartaz, que deveria falar sobre a importância de todos estarem de acordo para ajudar nessa viagem.

— Precisamos falar sobre o acordo — disse Kelli.

— Sim, é falar sobre a importância do acordo — afirmou Bianca.

— Por quê? — Questionou Carlos.

— Porque se não tiver um acordo que seja estabelecido entre todos...

— Sim, um acordo entre todos, para que haja um compromisso com a nossa *viagem pela comunidade* — completou Bianca.

— Não é óbvio que todos estarão de acordo coma proposta desse projeto? — Disse Carlos.

— Acho que nada deve parecer óbvio, Carlos, quero dizer, às vezes, é preciso falar o óbvio, é preciso desconfiar da normalidade — disse Paulo.

Nisso, rolou uma discussão sem fim, quer dizer, teve fim mas, demorou muito para acabar o debate. No fundo de dentro da gente, acho que não tem fim, mesmo. As conversas sobre quem diz ‘sim’ ou ‘não’ o projeto foram muito boas e esclarecedoras. Porque, muitas vezes, há alunos que nem sequer são consultados para certas decisões. Há também os que dizem ‘sim’, mas que, no fundo, estão falando da boca para fora, ou seja, a aparência é de ‘sim’, mas, na realidade, é um ‘não’. Estes não têm nenhum compromisso real com o que está ocorrendo na comunidade ou na escola. E ainda há outros que nem se interessam pelo que está acontecendo, não se preocupam, não se importam com a gravidade da situação e, muito menos, participam da assembleia dos alunos, pois acham a política uma bobagem. Porém, a gente, mesmo assim, não desiste, a gente tenta e segue tentando, um dia de cada vez, colocando o projeto em ação: informando, mobilizando, fazendo propaganda e debatendo sobre a importância de colocar esse projeto em prática para modificar a situação atual. É necessário entender que os mais importantes, aqui, somos nós e o momento certo de fazer as coisas é agora.

Hoje a escola estava agitada. Era dia da assembleia geral dos estudantes. Eu e Maria Júlia preparamos e distribuímos as urnas em pontos específicos, onde os alunos deveriam depositar suas cédulas. Eram três urnas, no total. Uma ficava na entrada da escola, outra entre as escadarias que levam ao segundo andar e a última estava na sala de leitura. A palavra de ordem era a questão sobre se todos estavam, ou não, de acordo com o projeto da *viagem à comunidade*. As aulas foram suspensas para que tudo ocorresse de forma harmoniosa. O grêmio tinha o apoio dos professores e da direção da escola. Todos os alunos se reuniram na quadra de esportes. A palavra iniciou-se com a presidente do grêmio, que agradeceu a presença de todos.

— Bom dia! — Começou Maria Júlia — Como todos estão sabendo, a nossa escola e a nossa comunidade estão passando por um problema muito sério. O que acontece é que uma epidemia está grassando pela nossa cidade e, por isso, muitos de nós estão deixando de vir para as aulas. Muitos já desistiram porque têm que ajudar e trabalhar para manter a vida em casa. É um problema que atinge a

todos nós. Então, o projeto *A viagem pela comunidade*, que estamos apresentando para todos, tem o objetivo de mapear os locais e as famílias mais atingidas pela epidemia em nossa comunidade. Desta forma, poderemos entender onde e como poderemos agir para melhorar as condições dessas famílias. Para tanto, precisamos saber se todos aqui presentes estão de acordo com o projeto e se desejam participar dele para mudar a nossa realidade. Há três urnas espalhadas pela escola para que todos votem: se estão de acordo com este projeto, se acham que ele é importante para nós e, assim, portanto, desejam participar dessa viagem a comunidade, ou, se não consideram o projeto da viagem importante para buscar a solução do problema que vem se agravando a cada dia, aumentando a desistência dos alunos e alunas de nossa escola. As urnas estão em locais estratégicos: uma na entrada, outra entre as escadas e a última na sala de leitura. Votem com a consciência! Muito obrigado.

Foi um dia bem legal, parecia que estava acontecendo uma festa na escola. Todos os alunos votaram. A urna na porta da escola ficou sob a responsabilidade do Carlos e do José, o que foi bom, porque o José não teve como se esquivar do Carlos que, normalmente, faz tudo direitinho, sem chances para preguiça. A que estava entre as escadarias ficou com as gêmeas, que sempre se dão muito bem. Na última, estávamos eu e Maria Júlia. O Mário e a Rosana estavam circulando com uma câmera pela escola, fazendo entrevistas e documentando o evento. O dia transcorreu tranquilamente, não houve nenhum problema, nenhum registro de confusão ou qualquer alteração durante a consulta pública em nossa escola. As conversas estavam pululando em todos os espaços, o assunto era a gravidade da epidemia e suas consequências.

Todos estavam preocupados e participando da mobilização para o bem comum. Há certos dias que a gente descobre que tudo vale a pena, quando existe um propósito para agir. A gente descobre que nós somos feitos de vontade, imaginação e pensamentos. Quando essas forças entram em movimento, seja individualmente ou não, as coisas mudam com mais intensidade e qualidade, mas é muito melhor quando elas se tornam uma força coletiva. Dava para perceber que a mudança de cada um criava uma mudança maior e esta transformação mudava a história da nossa escola e da nossa comunidade.

A contagem dos votos se deu após o almoço, o resultado seria apresentado para todos à tarde. Todos estavam empolgados para ouvir o resultado da consulta: por unanimidade os alunos disseram 'sim'. Foi uma voz uníssona em tom alto e claro, como um clarim, afirmando que a escola estava de acordo com o projeto. O próximo passo era organizar os alunos em pequenos comitês, liderados pelos membros da organização da consulta e combinar uma data para o início da viagem pelo morro. Eu e Maria Júlia fizemos um esboço da comunidade no papel, para apresentar aos comitês. Os pontos principais onde deveríamos ir seriam os locais da Curva do Corvo, do Buraco do Tatu, no Curral do

Boiadeiro e na Nascente do Portão Vermelho. Assim, poderíamos nos dividir em quatro equipes para a viagem de mapeamento e levantamento das questões mais graves que atingiam a comunidade.

A minha rua estava um fuzuê esquisito, havia um carro de ambulância com as sirenes ligadas e uma multidão cercava a casa número 65. Minha mãe estava sentada numa cadeira com o rosto desfigurado de dor, de choro e sem respiração, junto à vizinha que fazia um carinho no rosto dela, com um copo de água na mão. Os semblantes das pessoas pareciam de tragédia, era dor e tristeza para todo lado. Aquilo não fazia muito sentido para mim, queria entender o que tinha acontecido. Mas ninguém me dizia nada. Tentaram me levar dali para fazer um lanche, mas insisti em ficar perto de minha mãe.

— Meu filho! Meu filhinho! Ah! Que dor na gente...

— Mãe o que foi?

Ele se foi. Foi embora. Para longe daqui. Seu barco estava pronto, nem olhou pra trás. Nos deixou de vez. Não ficou, foi-se. Entrou nele, de repente, e se lançou no rio-rio-rio da margem de lá. Deslizou suave, como um jacaré, mergulhando o misterioso mundo do além. Ninguém sabia da vida dele mais do que eu e minha mãe. Sabiam só o pouco do dia a dia. Do homem sereno que pouco falava, somente o necessário. Todos os dias saía cedo para o trabalho e, no final da tarde, retornava para casa. Foi sempre desse jeito. Era assim, quase todos os dias, exceto quando meu irmãozinho morreu, quando ele ficou fora por sete dias. Agora, não volta mais. A casa parece que ficava grande, ainda mais vazia. Aquela vontade de viver foge de dentro do peito, que vira choro e dor. Tudo ficou mudo por aqui. Não dá para entender essas coisas, uma hora está aqui perto da gente, olha nos olhos, fala de sua infância comigo e, depois, não está mais. Minha mãe adoeceu e está na cama do hospital. Nem sei se levanta mais.

Eu quis dormir, talvez sonhar, mas até no sono os sonhos me diziam que era preciso agir. Nelas apareceu um anjo que tinha as pernas paráliticas, com aquele aparelho de ferro para conseguir se manter de pés fíncados no chão, os olhos bem abertos, pareciam se fixar em algum ponto, olhando para o passado. Ele via uma sucessão de explosões, guerras e ruínas sobre ruínas amontoadas sob seus pés. Ao seu lado, havia uma árvore que crescia muito rápido e desaparecia, queimada por um fogo criminoso, depois, crescia novamente e renascia. Tentava fechar suas asas, mas um vento forte forçava-as a permanecer abertas, empurrando-as para frente. Eu tentava segurar suas mãos para puxá-lo, segurá-lo e impedi-lo de ir, mas era impossível lutar contra o vento da tempestade, que era mais forte que nós. O anjo desaparecia no nevoeiro e na fumaça, enquanto eu ficava ali, batendo com os pulsos fechados no chão da terra, chorando a dor do mundo. Por que a vida é assim, Pai? Que prazer e alegria tenho tido nesta vida? Procuo saber sobre tudo, não faltar à escola, aprender e criar espírito na cons-

ciência. Mas, diferente de tanta gente que sente dor e não sabem o porquê, eu sei, penso que agora sei, procuro, ao menos, saber o motivo de cada coisa. Não sou bicho, não sou boi, estes sentem dor e nem sabem o motivo. Pai, tudo aqui é um acordo, e como em todo acordo, há riscos, quedas. Estou aqui no chão, caí. Não há nada pra mim, agora. Mas vou levantar, vou voltar, subir. O senhor já caiu? Caiu? Olhe bem para mim e veja, não tenho medo. Sei que o Senhor é onipresente, soberano. Está em todos os lugares e pensamentos. Não serei seu inimigo, amigos somos. Se nesse mundo há diabo? Não acredito que exista e, se existir, ele é como eu, de carne e osso, um homem como qualquer outro. Se é briga, vou lutar. E, de punhos cerrados, fiquei a bater no chão com toda a força do mundo. Despertei.

Batiam na porta com força, fui ver quem era. Era o professor. Gritei para minha mãe, que tinha voltado do hospital e estava na cama, se recuperando. Ela pediu para eu abrir a porta e convidá-lo para entrar. O professor olhou para mim com carinho. Senti uma certa vergonha porque não tinha ido à escola nesses últimos dias, quase não tive coragem de encará-lo. Disse que tinha vindo nos visitar para saber se tudo estava bem, convidei-o para entrar. Fiquei atrás da porta escutando a conversa dele com a minha mãe, eu sabia o que ele iria dizer. Sabia que ele estava preocupado, não só comigo, mas com todos os alunos que estavam desistindo de ir à escola. Ele falou que eu era um bom aluno e que estava me desenvolvendo bastante nas disciplinas. Disse também que eu poderia ser o que quisesse na vida e que só dependeria de eu continuar estudando e lutando para seguir em frente. Falou ainda do projeto da escola que iria promover uma *viagem pela comunidade* para tentar descobrir o motivo da epidemia que estava matando as pessoas, prejudicando as famílias, os alunos e alunas, a escola, todos. Minha mãe soube do projeto da *viagem pela comunidade* e achou muito bom. Ela ficou feliz de ouvir e saber sobre mim, que eu era um bom menino.

— O senhor pretende levar meu filho para essa viagem?

— Sim, pretendo.

— Entendo. As coisas não podem continuar como estão, não é?

— Não. Precisamos fazer alguma coisa. Não podemos ficar de braços cruzados.

— Sabe, eu fico pensando que homens como o senhor é que fazem a diferença para os nossos filhos.

— Homens e mulheres como nós.

— É verdade, se eu pudesse sair daqui, eu também iria nessa viagem com vocês.

Minha mãe sempre foi guerreira, ela nunca deixou de fazer nada por causa de nenhum resfriado. Mas, agora, era demais para ela, juntou tudo dentro do peito, meu irmão, meu pai, a falta de di-

nheiro, depressão, aluguel atrasado, falta de gás, de luz, de comida... a gente estava na escuridão do mundo. Entendia naquele momento que as frases bonitas no muro da escola não enchiam a barriga de ninguém, que elas não acendiam o fogo da gente e nem iluminava a casa das pessoas. Sentia um ser dentro de mim que queria correr, sumir, explodir tudo. Não dava para disfarçar a dor. Ela era visível e, só não via, quem não queria ver. Recordo que entrei no quarto de olhos inchados de tanto chorar, decidido a desistir da escola e fazer qualquer coisa pra ajudar minha mãe. Segurei a mão dela na minha para sentir o seu calor vivo.

— Mãe, eu desisto. Não vou fazer essa viagem. Não volto para a escola. Não tenho forças para isso. A senhora precisa de mim e eu estou aqui.

O professor permaneceu ali, calado. Ele observava a situação, entendia a gravidade e tentava com todas as suas forças convencer, estimular e mobilizar a gente a seguir lutando. Ele queria que a gente vivesse a experiência revolucionária. Uma experiência nada fácil, que requer da gente uma tomada de postura, um “sim, um ‘não’, uma reta, uma meta, uma direção.

— É isso mesmo? Depois de tudo, vai desistir? — Provocou o professor.

— Mas eu não desisti de lutar, estou desistindo de ir à escola — respondi.

— Esse é um dos problemas graves que nós identificamos, é a fumaça, mas não, o fogo. É por isso que o Pedro também não está mais indo para a escola. Precisamos encontrar o foco desse fogo, apagá-lo, ou pelo menos, tentar controlar esse incêndio, senão...

— Muitos Pedros, professor, irão também...

— É, exatamente isso, menino. Você quer ser como todos os Pedros do mundo, que desistiram de estudar, ou, você deseja ser um outro Pedro na vida?

— Professor, quando leio aquelas ideias lá no muro da escola, são ideias bonitas, mas elas são só ideias e, agora, não fazem nenhuma diferença para mim.

— Por quê?

— Porque elas não encham a barriga da gente e não iluminam a nossa casa.

— É porque elas ainda não são reais, apenas ideias. As palavras e as ideias precisam ser realizações.

— Realizações do quê, de quem, para quem? Veja o que está acontecendo com a minha família, com a família do Pedro, com a nossa comunidade. Só vejo tristeza, pobreza e abandono. Ninguém

sabe como acabar com essa epidemia... o senhor sabe?

— Não sei. Gostaria de saber mas, não sei. Nada é fácil neste mundo, tudo o que conseguimos foi à custa de muita perseverança. O que sei é que não podemos desistir agora. Nós precisamos resistir e nos organizar para resolver esse problema. Continuar a trabalhar e estudar juntos. Se desistirmos agora...

— *"Cada sonho que você deixa para trás é um pedaço do seu futuro que deixa de existir"*

— Sim, é exatamente isso que estamos colocando em prática, entende? Você está compreendendo a força que as palavras e as ideias têm, mas você precisa continuar colocando-as em prática.

Percebi que todos os meus colegas estavam entrando na minha casa. O primeiro era o José, depois o Carlos, César, Paulo, Kelli e Bianca, Rosana, Mário, Maria Júlia, Paulo e, por último, foi o Pedro. Olhei para todos com uma certa alegria melancólica. A imagem de todos ali, na minha casa, trouxe para mim uma força, uma esperança.

— Pedro?

— Sim, sou eu.

— Você voltou para a escola?

— Aquele dia que você passou lá em casa, lembra? Foi um dia importante para mim, você me fez existir. Depois, o professor e os nossos colegas também passaram por lá.

— Você não desistiu?

— Não. Estou aprendendo com muita dificuldade, mas estou aprendendo. Sei que é difícil, mas estou tentando.

— Sim, estou sentindo na pele, também.

— Vamos fazer essa viagem juntos? É a coisa certa a ser feita, porque somos nós os mais importantes agora. Não deixe passar este momento.

Sabe quando acontece de olharmos as paredes, o chão, o teto, a tinta fosca, a umidade de tudo na casa, de sentir um vento frio que passa pelas frestas das janelas e portas, cheio de algo que faz recordar um sonho que a gente tem e não esquece - foi isso que senti naquele momento.

— Sim, vamos.

Sei que um dia eu iria entender que as palavras e as ideias são mais poderosas do que podemos imaginar. Um livro, muitos livros, são como uma rede de palavras e ideias conectadas que se retroalimentam para formar uma rede de comunicação que pretende organizar, mobilizar as pessoas e promover os movimentos sustentáveis na nossa comunidade. A gente começou isso na escola e espalhamos pela nossa população, que sofria sem saber mais o porquê. Descobrimos que a informação, o diálogo, a sabedoria proporcionam, para todos nós, a criatividade necessária para aprender a aprender juntos e conviver com as diferenças, de conseguir fazer as coisas e ser mais. Depois dali, o professor combinou com todos um encontro no dia seguinte, na escola, na sala de leitura. Todos confirmaram presença.

A mãe conseguiu sair da cama, sentiu um ânimo. Era um passo muito importante, dava para entender que ela estava enfrentando a depressão. Ali, ninguém estava sozinho. A princípio, todos ficaram com receio, mas ela disse que se sentia melhor. Foi até a cozinha e sabia que ainda restavam algumas batatas no cesto. Não era muito, mas dava para fazer uma sopinha para todos. O José teve a ideia da gente juntar o que tínhamos ali, para comprar mais batatas e outros legumes na quitanda ao lado. O professor foi o que mais contribuiu naquele momento. Foi aí, então, que o professor falou da última pergunta, "*Qual a coisa certa a ser feita?*" Achei engraçado, pois a minha casa não era a escola, de repente senti que a escola da gente é nossa casa também e a nossa casa, também era nossa escola. Todos entendiam a resposta, que a coisa certa a ser feita estava sendo feita naquele momento. Rimos, cantamos e brincamos.

A consulta pública sobre o acordo foi um sucesso do ponto de vista da votação, porém a real adesão ao projeto revelava que mais de 75% dos alunos da escola não estavam realmente interessados em modificar a história. Éramos poucos, apenas 1/4 do total estava disponível para seguirmos a viagem. Dividimo-nos em quatro grandes grupos. O primeiro grupo seguiria para o Buraco do Tatu, sob a liderança das gêmeas, outro grupo iria para o Curral do Boiadeiro, sob a liderança de José e Carlos; um outro grupo para a Curva do Corvo com o César e Mário e o último, para a Nascente do Portão Vermelho, grupo onde estávamos eu, Pedro e Maria Júlia.

O professor disse que deveríamos ficar atentos a tudo que se relacionava com o comportamento das pessoas, espaços de convivência, território e descarte do lixo. Apontou, também, que tivéssemos atenção um com o outro, lembrava que ninguém deveria fazer nada sozinho, sempre em duplas ou mais. Esse fundamento era importante, porque garantia a segurança de todos. A viagem durou um bimestre todo. Nas aulas, o professor pediu que estivéssemos muito atentos a cada campo de conhecimento, para relacioná-lo com a nossa realidade.

Assim, nas aulas de ciências e história nos interessamos muito pelo que aconteceu na Revolta da Vacina, quando Oswaldo Cruz e sua equipe descobriram uma vacina que imunizaria toda a população contra uma epidemia, mas que o povo da época rejeitou, por falta de informação e conhecimento. Nas aulas de geografia e matemática ficamos mais atentos aos acidentes dos terrenos, aprendemos a analisar e medir a terra, suas formas e fronteiras, de certa maneira, compreendíamos como calcular a extensão do problema e analisar suas consequências no dia-a-dia da comunidade.

Durante todo o bimestre nós estávamos nos encontrando sistematicamente para conversarmos sobre tudo o que estávamos observando durante as viagens; cada um de nós estava mais à vontade para falar de suas impressões. Sentíamos-nos vivos, a gente existia. A Maria Júlia sugeriu que fizéssemos uma grande maquete da comunidade, com materiais recicláveis, para visualizarmos os territórios mapeados. Cada um estava revelando algo que desconhecia de si mesmo.

O César não sabia que gostava tanto da geografia e foi o primeiro a apoiar a ideia da Maria Júlia, o José era muito bom nos cálculos, ele entendia e sabia fazer muito bem análises percentuais, as gêmeas se interessaram por tecnologias da comunicação por causa do Mário e da Rosana, que descobriram as tecnologias e criaram um canal no *Youtube*, blogs, que propiciou maior interatividade entre a escola e a comunidade. Pedro se interessou por história, queria entender como tudo começou em nossa comunidade. Acho que esse interesse despertou quando disseram para ele que tudo, desde as primeiras casas dos primeiros moradores dali, começou no Buraco do Tatu, que era onde ele morava. Dali, foi um pulo para se interessar e falar das grandes civilizações, das invasões bárbaras, das grandes navegações, guerras e ditaduras. Ele não parou mais e disse que seguiria por esse caminho.

Havia um despertar apaixonante em nós. Aos poucos, estávamos cartografando tudo o que ocorria durante a viagem, a maquete ia se desenvolvendo. Os alunos começaram a perceber que o projeto *viagem pela comunidade* estava acontecendo e dando certo. A maquete foi o início da criação de um museu na escola, deste modo, a memória local foi se tornando um processo constante da formação de identidade, pertencimento e progresso. Um espaço para recordar, lembrar e reelaborar nossas ideias e práticas cotidianas. Descobrimos que o lixo era um problema muito sério, que a falta de saneamento básico colocava em risco todos os moradores e, por último, que a violência entre grupos inimigos gerava muito medo nos espaços de convivência dos moradores.

Esse cotidiano escolar nosso de cada dia uniu a gente num sentimento, não sei dizer qual o nome desse sentimento, se era coragem, liberdade ou solidariedade, ou, se tudo isso junto que, antes, eu sentia como coisas separadas. O que sentíamos era, na verdade, o contrário do que supúnhamos, separados - era uma extensão de nossa existência. Fazia sentido, agora, ir para a escola, tanto quanto fazia sentido voltarmos para casa, porque o ensino estava dialogando com a nossa realidade.

O projeto viagem começou a ser conhecido dentro e fora da escola, graças ao trabalho conjunto mas, principalmente, graças ao Mário, à Rosana e às gêmeas, que souberam usar a tecnologia para informar, propagar, fazer debater e mobilizar cada vez mais todo mundo, em prol de algo comum. Aos poucos, alguns alunos que não apareciam mais começaram, timidamente, a dar as caras. Vinham com ideias para ajudar o projeto. Alguns vieram com propostas de criarem um grupo de grafiteiros, outros queriam trabalhar com dança, poesia, cinema e música, outros, ainda, queriam pensar políticas públicas sustentáveis. Surgia uma rede conectada.

Todas essas ideias estavam sendo catalogadas e incorporadas ao projeto, como práticas do presente para um futuro melhor. Nós estávamos ficando conhecidos como a *Sociedade da Companhia das Letrinhas da Sala de Leitura* — os autores da liberdade. Por causa do projeto, nós estávamos conseguindo mais adesão dos alunos para nossas ações. O professor disse que a escola e a comunidade estavam se tornando centros plurais de atividades e trocas de ideias que fomentavam a formação humana, para um despertar da cidadania e solidariedade.

No final do ano a gente pôde rever e analisar tudo o que fizemos e vivenciamos durante o último bimestre. Foi inaugurado o Museu da Vida em nossa escola — ele guardaria nosso patrimônio material e imaterial, memória que ninguém poderia nos roubar. Esse projeto foi como uma boia para cada um de nós, nossa superação dos problemas vividos e a permanente construção de nós mesmos. O professor, depois, disse que não foi fácil pra ninguém chegar até ali. Disse que levar a pedra que sentimos nos ombros até o cume da montanha e, depois, descer para recomeçar tudo de novo é um verdadeiro exercício de resistência, dedicação e perseverança. E que a prática do debate entre o pensar e o agir, a cada nova situação, nos levava à sabedoria.

Disse, ainda, que dizer ‘sim’ ou ‘não’ significava que estávamos sempre fazendo uma escolha. E, quando fazemos uma escolha, a gente inicia uma viagem para algo que pode nos levar a muitos lugares diferentes. Claro que nem sempre é um lugar fácil, o de fazer as escolhas. Nós sabíamos disso. Entendíamos da dificuldade do nosso dia-a-dia, aprendemos a ver, a ler e a problematizar a situação e a descobrir alternativas para resolver os problemas.

Esse aprendizado ninguém mais tira da gente. Então, soubemos que o professor faria uma viagem para o outro lado do oceano — um voo sobre o oceano - para estudar e trazer mais informações, ideias e práticas para debater, conosco, a nossa realidade. Mas a gente sabia, também, que não estaríamos mais ali. Provavelmente, já estaríamos na faculdade, quando ele retornasse para cá.

— Professor, o senhor está indo embora? — Perguntou a Maria Júlia.

— Não, estou indo fazer um doutorado.

— O que é isso? — Perguntou o José.

— É um aprofundamento nos estudos.

— O senhor não vai voltar mais para nossa escola? — Perguntaram as gêmeas.

— Claro que vou, aqui é a minha casa.

Ninguém gosta de despedidas. A viagem do professor era uma viagem que tinha volta, era diferente da viagem que meu pai, meu irmão, o pai de Pedro fizeram. Lembrei que meu pai viajou, meu irmão viajou, o pai de Pedro viajou, e muita gente viaja para um lugar sem volta, é a sina, ninguém pode mudar isso. Eles se foram. E eu pensei naquele momento de despedida. Era como se fosse algo de ir para um além, cuja hora não podemos saber qual é. A volta era impossível, pois tudo passa e nada permanece. A infância passa, a adolescência passa, nós passamos, e o professor, passarinho, pois, como ele mesmo disse, ele voltaria.

A viagem, de certa forma, é a nossa existência. E o que importa é como viajamos ao longo desse existir. No fundo, era uma constatação de que cada um de nós é um viajante solitário. Cada um deve aprender a entender o que está fazendo de si, cuidando de si e tendo uma prática de si. A gente descobre que no fundo de dentro da gente existe muita coisa para descobrir e fazer ser. Às vezes essas coisas todas, de dentro da gente são as coisas que outras pessoas também sentem. É isso que nos aproxima, nos une e nos tira da solidão. O professor disse que nunca se sentia sozinho, pois sabia que estávamos juntos nisso que nos uniu — a solidariedade.

No último dia de aula, ele disse que a gente aprenderia, com o tempo, sobre a contradição da ajuda. Pediu que fizéssemos um esforço, pois o que iria dizer poderia nos confundir, mas que ele preferiria correr o risco. Falou que, possivelmente, qualquer um de nós já viu a ajuda em mais de um lugar, ajuda de muitas e diferentes formas. A gente precisa dela quando não conseguimos resolver algo, por falta de comunicação e educação entre as pessoas, ausência de informação e diálogos e, quando existe muita violência, aí aparece a *necessidade*. Não é fácil resolver esses problemas. Contudo, se eu pudesse dar um conselho para todo mundo, seria o de enfrentar essa cruel realidade com uma crueldade ainda maior, aprendendo a deixar o lugar de vítima. Ou seja, é como se não pudéssemos contar com ajuda — e aqui chegamos no nó do problema, — na contradição: às vezes, quando acho que estou ajudando, não estou. Como assim, não contar com ajuda? Sabíamos que o professor tinha dito que o assunto era problemático, que geraria uma certa confusão. Realmente, ele estava certo, ninguém estava entendendo nada, ali. Houve uma certa inquietação geral mas, mesmo assim, ele continuou e afirmou que o tempo e a experiência de vida iriam nos ajudar a compreender a contradição. Ele continuou dizendo que, enquanto houver violência, a ajuda seria recusada, porque a violência afasta qualquer possi-

bilidade de ajuda e, quando não mais existir a violência, a ajuda não seria mais necessária. Ou seja, que, ao invés de ficarmos em casa, ou na escola, só reclamando, era necessário abolir o papel de vítima, a falta de comunicação e educação entre as pessoas, a ausência de informação e diálogos, e sobretudo, a violência. Neste ponto, é como se não tivéssemos mais a *necessidade*.

— Então, ajuda não é necessária? Como assim? Não entendi!

— Como assim, se continuar a violência, a ajuda será recusada? — Perguntou a Maria Júlia.

— Qual é a relação entre a ajuda e a violência, professor? — Perguntou José.

Quando percebemos, nós mesmos estávamos fazendo as perguntas. As questões começaram a surgir, como a água e a luz que saem da torneira. Embora a gente não soubesse responder, nós estávamos pensando e problematizando sobre o que poderia significar a contradição entre a ajuda e a violência. De alguma forma, tudo o que existe entre as coisas é o que, muitas vezes, cria a *necessidade*, como, por exemplo, a epidemia que está entre a escola e a nossa casa, a falta de comunicação das pessoas e a ausência de informação e conhecimento fazem surgir um estado de violência, daí, a *necessidade*; mas, se nada disso existisse, não haveria mais a *necessidade*. Essa epidemia está grassando pela nossa cidade e provoca vários problemas, inclusive, a desistência dos alunos e alunas de irem à escola, de onde surge a *necessidade* do projeto da *viagem à comunidade*.

Entendíamos que a ajuda é algo necessário quando alguém precisa dela mas, também entendíamos que, às vezes, ajudar poderia prejudicar. O Paulo foi quem falou com mais clareza do que o professor, dando um exemplo que todo mundo entendeu. Ele disse que se quiséssemos ajudar o José nas avaliações bimestrais, a melhor forma seria “não ajudá-lo”, ou seja, não passar mais cola para ele, pois isso não o ajudava em nada, pelo contrário, de certa forma, era uma violência contra ele. Porque, no fundo, o José precisava deixar de ser preguiçoso e aprender por ele mesmo. É preciso entender como cada coisa funciona e colocar o dedo em cada ponto crucial pois, no final, cada um paga a sua conta. Se ignorarmos isso, ele não passará de ano, aliás, até pode passar, porém não aprendeu nada e, quando for fazer os concursos que estão por vir, o que será do José? Todos riram, inclusive o próprio José.

— A gente não pode ajudar quem não quer ser ajudado — disse Maria Júlia.

— Sim e quem age com violência afasta as pessoas de si e, por isso, fica difícil ajudar-completei.

— Por isso o professor disse que, enquanto a violência imperar, a ajuda poderá ser recusada - falou a Kelli.

— E quando não mais imperar a violência, a ajuda não mais será necessária — completou a Bianca.

Estávamos entendendo a contradição, ou pelo menos, a sua complexidade. É difícil ajudar, na realidade em que vivemos, mas é, também, difícil não ajudar, é perigoso. São muitos os riscos aqui na comunidade. A experiência da viagem nos ensinou que cada local possui características específicas: por exemplo, na Nascente do Portão Vermelho, que é um local onde a água nasce e abastece todo mundo, construíram um reservatório de água para facilitar a distribuição de água para todos, porém, surgiu um grupo que quis dominar aquele território. Com isso, surgiram muitos problemas entre grupos rivais e com o próprio Estado, que viam na dominação da água, uma fonte de controle, riqueza e poder. É um dos locais mais violentos da comunidade. A população sofre com isso e, muitas vezes, por falta de água, muitos alunos deixam, também, de ir à escola, pois não têm roupas limpas, comida e precisam ajudar em casa, buscando água em outros locais ou com os vizinhos. Já no Curral do Boiadeiro, há uma concentração de lixo e de esgoto ao ar livre que geram focos de doenças e um mau cheiro terrível.

A gente estava se esforçando para entender a contradição e ver o problema, contextualizando para sugerir soluções. Mas, será que querem que o problema seja resolvido? O projeto da *viagem à comunidade* da escola foi uma resposta que nos proporcionou fazer essa leitura de nós mesmos.

— E agora, professor? O que fazer? — Perguntou Pedro.

— Agora? A questão não é o que fazer, mas como fazer para continuarmos em frente, pois a viagem não acabou.

— Não...

— Não, Pedro. Ela está em tudo o que fazemos. Quando saímos de casa e vamos à escola. Quando dormimos e começamos a sonhar. Quando temos uma ideia e a colocamos em prática. Quando começamos a escrever e agir. Quando nascemos e morremos. Enfim, quando saímos do lugar e damos o primeiro passo. E, nessa despedida, o professor ainda disse que a relação entre a ajuda e a violência constituem um todo e é esse todo que é preciso transformar.

— Boa viagem, professor — disseram todos.

— Boa viagem, crianças — respondeu.

